

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ARLINDO FÁBIO GOMES DE SOUSA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Arlindo Fábio Gomes de Sousa (A)

Entrevistadores – Anna Beatriz Almeida (B) e Laurinda Rosa Maciel (L)

Data – 21/11/2001

Local – Rio de Janeiro/ RJ

Duração – 1h58min

Responsável pela transcrição – Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela conferência de fidelidade – Gisele Viana Carvalho

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SOUSA, Arlindo Fábio Gomes de. *Arlindo Fábio Gomes de Sousa. Entrevista de história oral concedida ao projeto A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 46p.

Data: 21/11/2001

Fita 1 – Lado A

B - Projeto “A História da Poliomielite e de sua Erradicação no Brasil”, entrevista com professor Arlindo Fábio Gomes, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel. Dia 21 de novembro de 2001, fita 1. Então, Arlindo, posso chamar de Arlindo, né?

A – Sim, por favor.

B - A gente queria começar a conversar com você, antes até de entrar na ENSP e com relação ao PAI, como é que foi o teu ingresso na instituição...

A - Na Escola?

A – Para você contar um pouquinho para a gente. É, porque a gente sabe que... A tua formação é em quê?

L - A gente ficou matutando se seria em Ciências Sociais ou alguma coisa assim...

A - Ah, tudo bem. Vocês pediram o currículo e eu não tenho currículo...

B - É, é... Isso.

A - Fiz a minha formação em sociologia política, eu fiz na PUC do Rio de Janeiro de... Você vai precisar de todas as datas não é isso? É... 63 a... 63, 4, 5, 6, a 66, inclusive 66 a 67, quatro anos de curso de sociologia política na PUC. Ah... aí eu comecei dando aulas de sociologia política na PUC, porque nessa época, 66, já tinha passado o golpe de 64, quer dizer, o golpe já tinha acontecido.

L – É.

A – Não é? E fazer sociologia no país não era uma das dez coisas mais...

B – Indicadas, né? (risos).

A – (risos) Mais indicadas, é. Então, eu comecei a dar aula, na própria PUC, eu dava aula na PUC, dava aula no Serviço Social da PUC, dava aula no Serviço Social do Rio de Janeiro. Ou seja, o espaço que a gente tinha era muito pouco, né? Era mais ou menos na área de ensino e mais algumas pesquisas assim no campo de a... SESI, SENAC, que era que fazia alguns trabalhos no campo de profissionais de utilização, essas coisas assim...

B - Aí rolava meio que umas prestações de serviço, né?

A – É, rolava também as prestações de serviço disso, até que um belo dia andando pelos corredores da PUC, para dar uma aula, o professor Manuel Diegues Júnior...

L– Manuel?

A – Manuel Diegues Júnior.

L – Diegues Júnior.

A – O pai do Cacá... Diegues.

L – Ah! Pai do cineasta. Hum, hum.

A – Isso. Isso, pai do cineasta, (inaudível) Então sogro da Nara Leão. (risos)

B – Oh, meu Deus, que mundo pequeno.

A – Coitado do Diegues Júnior, não merece essa biografia feita assim por esse viés. Aí ele me chama no corredor e disse: “olha, eu soube que na Escola Nacional de Saúde Pública estão precisando de professor de sociologia, e eu indiquei você, quem sabe?” Eu, primeiro, não tinha a mínima idéia que ele tivesse tanto apreço assim por mim... Eu realmente...

L - Que boa surpresa, né?

A – Foi uma bela surpresa. Eu vim...

B – E para a Escola, você tinha alguma referência?

A – Sobre a Escola, eu não tinha a menor idéia do que fosse, não tinha a menor idéia do que fosse. A gente tinha que pegar, vinha no ônibus e demorava um tempão, 350, que, aliás, eu... durante muitos anos eu fiz isso.

L - Irajá-Passeio.

A – Isso, Irajá-Passeio. Então, a... em primeiro de julho de 1967, eu vim para Escola de Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, primeiro de julho de 1967.

B – E aí já direto para o Departamento de Ciências Sociais.

A – Aí vim para o Departamento de Ciências Sociais, o que era uma raridade na época, porque você não... não... As Ciências Sociais e Saúde, hoje é meio estranho falar assim, mas as Ciências Sociais e Saúde era muito mais a questão da Antropologia, que ela tinha sido introduzida atrav... pela Fundação SESP, Barnabé, lá na década de 40, eles trouxeram alguns antropólogos e a gente tinha alguns antropólogos para trabalhar com que eles consideravam que eram os hábitos saudáveis, normas, comportamentos favoráveis a uma boa saúde, não é? Tanto que era mais a questão da higiene da saúde pública daquela época, tanto é que justamente eu não peguei assim. Mas, a exclusão, portanto a Escola de socio... A Escola Nacional de Saúde Pública era uma raridade, porque você não discutia Ciências Sociais, quer dizer, no campo da saúde...

L – Hum, hum.

A - Pode parecer estranho, mas a vertente era basicamente uma vertente biologicista, quando você não tinha explicação para determinado fenômeno, aí então, sim, você apelava: “não é possível que isso daí seja coisa da área do social”. Mas era...

B – Cultural e vai por aí.

A – Mas era muito mais exatamente pelo campo das questões culturais.

B – Hum, hum.

A – E... e a Escola não, a Escola tinha, a Escola tinha Psicologia, tinha Sociologia, tinha Educação, a... e tinha Economia, não é? Política também, Sociologia e Política. Então essa, quer dizer a área..., e tinha Antropologia, né? Então a Escola tinha uma abrangência grande em

relação às Ciências Sociais, o que era uma raridade. Os outros centros formadores, no caso da Escola de Saúde Pública de São Paulo tinha a parte de Educação e a parte de Antropologia, mas diz respeito às Ciências Sociais. E aqui então se começou todo um tipo de movimento, era um diretor absolutamente genial, né? O Edmar Terra Blóis, que tinha conseguido na Escola Nacional de Saúde Pública um Departamento de Ciências Sociais, então era para esse...

B - De Ciências Sociais. Então era um departamento que estava novo.

A - Era um departamento novo como a Escola, tão novo quanto a Escola.

B – Que a Escola é de 66, né? Juntinha.

A – É de 66, exatamente. Foi construído junto com a Escola, com a Escola Nacional de Saúde Pública. Foi essa idéia que o Blóis teve e daí a coisa se desenvolveu. Todo, eu comecei a dar aula agora, quando não é muito simples porque, se isso estava instituído, não obrigatoriamente era aceito, até porque era complicado para as outras disciplinas lidar com algum..., com uma outra disciplina que eles não conheciam, não é? E sobre a qual eles tinham muito pouca referência e eles não sabiam como entrosar. Mas tinham alguns, alguns malucos na Escola, entre eles o Luís Fernando Rocha Pereira da Silva, que o nosso mentor-mor.... O Luís, ele no meio dessa história, ele vinha pelo campo das ciências biológicas, mas tinha essa percepção muito clara em termos do componente social, do componente ambiental, né? Toda essa coisa da ecologia hoje é uma coisa que ele discutia no início.

B - Hum, hum.

A - E alguns outros eram abertos a eles também, tem que estar na Escola de novo, o... Valadares...

L – Jorge Valadares.

A – Jorge Valadares junto com o Sinamom, quer dizer, entram pela área da Engenharia, mas tinham a preocupação que depois o levou, inclusive, a fazer até psicanálise, psicologia, psicanálise, acabou...

L – Ele é psicanalista.

A – É, psicanalista, o Jorge acabou enveredando por ali, não é?

L – É.

A – Quando foi fazer, creio, a sua tese, é..., o seu doutorado, acho eu, alguma coisa assim, é... em Paris, se bem me recordo, o Jorge então vai vendo as outras variáveis da determinação, entende, da qualidade de vida, que a gente chamaria hoje de qualidade de vida numa cidade e assim sucessivamente. Então, tem essas pessoas ali no meio, tem na área da epidemiologia, daí veio depois o Eduardo Costa, não é? O Eduardo é um formador do pensamento no campo da epidemiologia dentro da Escola e que tem uma abertura, quer dizer, tinha uma prática no campo, digamos assim, social. Ciro, que hoje está na Organização Panamericana e que é...

L – Ciro Quadros.

A – Quadros, e que é um dos responsáveis pela erradicação da poliomielite, não é? Não só no Brasil, mas nas Américas incluídas no mundo, não é? A... e assim, quer dizer, uma série de outros, entende? E que tinham encontrado na Escola de Saúde Pública um espaço para poder

articular as suas idéias que a gente vai chamando assim, suas idéias “malucas”, etc., etc. Então, não..., não tinha essas disciplinas instituídas.

L – Entendi.

A – Então o esforço nosso é...

L – É crias alguma coisa é sempre mais difícil, né, Arlindo.

A – Começar a criar alguma coisa nisso. No campo da educação você tinha a Lenita que ainda está por aí hoje. Ah! Você tinha a Cássia, quer dizer, tinha pessoas que... a... a... Entendiam para lá... Quer dizer, Mendonça, Luís Mendonça, talvez vocês conheçam aí Janine, que é casada com Luis Mendonça, trabalha aqui na Escola Politécnica. Mendonça foi um diretor de teatro que foi incorporado no departamento de Ciên... de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública por aí, 68, 69, por aí, mais ou menos. Por quê? Porque o pessoal da área de educação e nós de ciências sociais, a gente começou a fazer um trabalho com toda essa população ao redor aqui do campus...

L – Do campus. Hum, hum.

A - ...de Manguinhos, não é? E esse trabalho, que era um trabalho educativo, se fez através do teatro. Ele vinha do CPC, Centro de po...

B – Cultura popular.

A – Cultura popular ou, popular de cultura de Recife.

B – É.

A – De Recife, dos Mendonça. Então toda essa experiência é... do CDC, o CDC era da UNE, não é? Lá era o Centro... CCP..., alguma outra sigla parecida, não é? A ... e o Luís, então, trazia essa experiência de lá, então a gente promovia festivais de teatro das favelas do Rio de Janeiro, 50, 60 grupos, entende? Trabalhando sobre temas dos mais diversos, etc. e assim ia para frente. Então só para dar uma idéia o que é que era...

L – Um panorama.

A – Pelo menos uma idéia geral do que que era esse panorama num espaço que era completamente *sui generis*, entende? Ele era completamente *sui generis*. A... por exemplo, você não tinha os departamentos de medicina preventiva estruturados como você tem hoje, a Escola de Saúde Pública era basicamente aqui, é... São Paulo tinha alguma coisa que aparecia e depois desaparecia, em Minas Gerais a mesma coisa, você tinha no Paraná, e depois mais tarde aparece no Rio Grande do Sul, lá normalmente eram voltados mais para o pessoal do nível médio. Então isso era... esse era o espaço numa época em que Ciências Sociais - que eu sempre brinco, cada vez que vinha uma visita na Escola, o Blóis, o diretor e os diretores subseqüentes me chamavam, era meio assim quando você vai num..., num circo, num zoológico, que você vai mostrar, entende, o espetáculo raro ou o animal raro quer você tem. Que a gente tem também um urubu gigante da Malásia assim (inaudível).

B – (risos) E era Departamento de Ciências Sociais.

A – O urubu gigante da Malásia, éramos nós, então nós éramos chamados volta e meia para sermos apresentados...

B – E por ser essa coisa nova, que era novo tanto para vocês que tavam fazendo como novo para o público que estava indo para lá. Você tinha um público, basicamente, médicos ou para médicos, né ? Lembra dessas imagens...

A – Nessa época você tinha ainda cursos por categorias profissionais, tá? Mas o esforço na Escola, e a Escola fazia isso, era de acabar com isso, quer dizer, você... Quando eu entrei aqui em 66, eu creio, acho que sessenta e... no mestrado não era mais não... Você tinha cursos de especialização, por exemplo, em odontologia social, só o pessoal de odontologia, seria razoável que fosse assim; enfermagem para enfermagem, para médico... Mas, imediatamente isso foi rompido e os cursos, então, eram de mestrado e doutorado, eles acabaram e depois voltaram, eles eram abertos a qualquer profissional...

B – Qualquer profissional.

A – E o conceito de profissional de saúde era muito amplo. Eu fiz curso na Escola de Saúde Pública, já como professor, aliás eu me saí muito bem nas disciplinas que eu me alistava, eu era... (risos) Eu tirei 10...

B – (risos) Você foi o seu professor.

A – Os únicos 10, claro, os únicos 10 da minha vida (risos). Não tive pudor, me dei 10 mesmo. A... eu fui dispensado da disciplina que eu dava, porque é... nessa época, então eu fiz, na parte do curso de planejamento, especialização e planejamento, sendo sociólogo, quer dizer, e não era porque eu era da Escola...

B – Hum, hum.

A - ...isso era aberto, era para vários personagens, só para dizer que era uma coisa mais...

B – A sua especialização então foi em planejamento?

A – Em planejamento. A... para você fazer alguma coisa ligado a Ciências Sociais em Saúde, você tinha que obrigatoriamente ir para o exterior, não tinha como..., não havia aqui no Brasil essa formação como você tem hoje. Você pega o mestrado e doutorado com área de concentração em políticas públicas “tarara...”, em planejamento, o “diabo a quatro”.

B – Hum, hum.

A - Isso não, isso não existia. Então, na verdade, o que se passou comigo em termos de formação, é como eu não era médico, eu não tinha o espaço da formação de médico, na verdade, eu é que estava criando os espaços das Ciências Sociais no campo..., no campo da saúde, não é? Então eu era chamado, como era um bicho raro...

L - Um urubu...

A - ... um urubu gigante da Malásia, eu era chamado, por exemplo, para dar aulas em vários lugares, então, na formação de depart..., de departamentos de Medicina Preventiva, ou de mestrado, ou de doutorado, ou banca seja o que for, toda vez que precisava de um cientista social, eu não era o único, não é? Mas éramos poucos, então éramos chamado com frequência. Então eu participei do curso de mestrado no Rio Grande do Sul, de Odontologia, de Enfermagem; curso de Enfermagem na UFRJ, mestrado na UFRJ; mestrado e doutorado da ENSP, o doutorado..., mestrado e doutorado do Instituto Oswaldo Cruz, não é? São 7. A ... na Bahia, são 8..., não sei mais aonde...

B – Quer dizer, você tinha uma vivência...

A – Quer dizer, em vez de ter feito 9 ou 10 cursos de mestrado ou doutorado...

B – Você foi organizar.

A – Na verdade eu fui organizar 9 ou 10 cursos de mestrado e doutorado, mais ou menos por aí, foi essa... O que era, quer dizer, era uma coisa ainda muito, digamos assim, muito pessoal, entende? Até que isso fosse instituído como disciplina, né? E a idéia era a gente formando, depois isso foi se ampliando o espectro da própria Escola de Saúde Pública, a partir de 1975, 76, com os cursos licen... especializados, a gente foi formando então, os professores, os departamentos de medicina preventiva também junto com os cursos descentralizadores, que foram se fortalecendo, aí começaram então a se incorporar, entende, os professores de Ciências Sociais. E ocorreu..., repito, quer dizer, não estava sozinho nisso, tinha outros “urubus da Malásia” em outros lugares, quer dizer, em São Paulo tinha o pessoal, em Campinas tinha, quer dizer, tinha outros lugares também, mas...

B – Hum, hum.

A – ...éramos ainda um grupo realmente...

B – Muito reduzido.

A - Éramos reduzido. Então foi nesse campo que eu me meti, então, se eu já era marginal como cientista soci... é... social, quer dizer, como sociólogo, a... virei duplamente marginal como sociólogo e sanitaria, não é?

B – Hum, hum. É.

A – Que a minha titulação, o que os sanitaria também eram marginais no campo da..., no campo da chamada saúde, não é? Não estou me referindo a saúde pública, ou seja, saúde pública é o *locus*, mas os médicos sanitaria...

B – Pessoas da medicina como um todo...

A – Aí, em vez de ser um ombro direito, era um *down grade*, o cara estava, tinha caído tanto, coitado, estava fazendo saúde pública, né? Afinal de contas, o cara estava indo abaixo...

B – Você tinha mais o perfil dos anos 40...

A – Biólogo...

B -...que as pessoas eram referência por causa da Fundação SESP ou do Ministério, né?

A – Isso, você tinha... é, você tinha algumas figuras exponenciais no início, né? Mas que foram muito poucas e fora disso, não, fora disso não era nada meritório, digamos assim, que fizesse, para fazer parte do currículo de alguém.

B – Do currículo de alguém, né.

A – Quer dizer, o meu foi o primeiro caso, fazer sociologia e fazer saúde pública.

B – E fazer saúde pública.

A – E eu fiz as duas coisas e gostei e me dei muito bem.

L – Que bom. (risos).

B – Me diga uma coisa, a gente tem a..., o Eduardo conversou um pouco com a gente sobre a tua vivência, e passou para a gente que você estava... Que a vontade que eu tenho é de ficar falando mais do departamento...

L – Pois é...

B - ... Que eu entrei no departamento num ano muito diferente, eu entrei no departamento em 87, em Ciências Sociais, eu fiquei 2 anos lá, quer dizer, é muito diferente a vivência, né? Mas eu tenho que conseguir chegar no PAI, eu tenho que chegar no PAI..

A – É que..., é porque ninguém acredita nessa história...

B – Quer dizer, fantástico...

A – Como é que as pessoas podiam não incorporar, né? Quer dizer, as dimensões da nova política, né? Sociais, culturais, etc...

B – O que hoje é dado como dado, você pensar que foi construído, né? Deve ter sido uma batalha, né? Um...

A – É, da mesma forma como eu acho, acho não, tenho absoluta certeza, que vão nos puxar as orelhas lá na frente, entende? Que tem algumas áreas que nós não incorporamos ainda na saúde pública, algumas...

B – Quais, por exemplo?

A - O campo da religião, entende? O campo da religião num país com a religiosidade como o nosso, e...

L – Hum, hum.

A – ...com o fenômeno da religiosidade, independentemente se acredita ou não, não importa, (incompreensível) em jogo, né? No final do século, início desse século, que a gente está vendo do fundamentalismos e todas as outras coisas. O que isso é determinante em relação à saúde e a gente continua sem... Imbatível, entende? Achando que isto é ainda o “ópio do povo”, né? Quer dizer, a partir de uma velha categoria, então houve uma rejeição de discutir, entende? A questão da religião, da religiosidade, particularmente, a partir exatamente disso, entende, que isso era uma coisa que era ruim, conceitualmente era ruim, era o “ópio do povo”. A segunda que está aí e que não é abordada, e eu volto a dizer, é questão da cultura. Quer dizer, se aborda, mas com toda a absoluta certeza, menos do que a gente teria que abordar.

B – Devia...

A – Agora, por quê? Porque também nessa época que eu estou me referindo, a década de 60 mais ou menos, as questões da cultura como elas estavam voltadas para mudanças de hábitos e atitudes, então havia uma rejeição muito forte no campo das ciências sociais, “isso é coisa de reacionário”, sabe, segundo isso você nunca vai conseguir hábitos, mudanças etc., favoráveis e tal. Isso aí é coisa de gente reacionário, de direito, a voltar. Então, a cultura foi colocada de lado. Então os antropólogos, só não foram pendurados nas próprias tripas, entende? Por pouco, porque eles nem existiam mais nessa época, senão eles teriam sidos... (risos)

B – Teriam sido...

A – A ... e a terceira, sem dúvida nenhuma, é a questão do inconsciente, quer dizer, o Freud, ano passado se formou 100 anos, né? Do barbudo, ficou mais outro barbudo, o Marx, que presidiu essas preocupações até pelo menos um determinado momento; e o Freud foi simplesmente ignorado.

B – Hum, hum.

A – E o campo da psicologia, de novo, acho não, tenho certeza, foi relegado também por uma questão de um preconceito ideológico tanto quanto a questão da religião e a questão da cultura. Sabe, isso aí não tem nada (incompreensível) ou então, nada mais existe... no campo da psique, né? Então (incompreensível), mas é só para ter uma idéia como cada momento tem um determinado jeito, desafio, entende, e colocam-se novas disciplinas...

L – Entendi.

A -... para você ir incorporando esse...

B – Isso, dando conta desses novos desafios.

A - Dando conta desses novos desafios, não é?

B – Sem dúvida, sem dúvida.

A – Então, na época era assim, a gente começou a fazer isso e... depois foi, isso foi crescendo, crescendo, até chegar um determinado momento, só para fechar essa parte...

B – (Incompreensível - risos)

A – Em que... Não, não, não, não, isso você ver no currículo, mas eu não tenho currículo, então é o seguinte, até que chegue um determinado momento em que eu não tenho mais nada a dizer no campo das ciências sociais, mas nada de novo, e as pessoas que passaram a ser formadas nos cursos descentralizados, nesses cursos de mestrado e doutorado, etc. etc. etc., no campo da saúde pública, incorporando já então as ciências sociais, passaram a ter coisas a dizer e a teorizar, não é? Então, eu caí fora disso, entende? Quer dizer, eu cheguei em determinado momento..., ou você acompanha essa corrente, mas a minha corrente não era muito por aí, a minha era muito mais de... de intervenção, entende, do que a corrente no campo das ciências sociais, digamos assim, da elaboração teórica, né? Então eu continuei mais no campo da intervenção e aí fui abandonando os cursos gradativamente, me dedicando mais a organização da Escola de Saúde Pública e a questão da gestão, entende?

B – Que é aí quando você vai trabalhar como vice, diretor...

A – Onde aí... Pega o gancho antes que eu consiga... (incompreensível) (risos).

L – É. (risos)

A – Por isso que está o PAI no meio disso...

B – Está o PAI aqui no meio, né.

A - Está o PAI no meio.

B – E aí a gente tem assim a referência...

A – Do Eduardo.

B -... como é que foi o..., a tua indicação para estar no PAI, que você foi coordenador de despesas por um tempo, né?

A – (risos) Um pouquinho mais do que isso.

B – Como é que foi isso, né? No papel de coordenador, você junto com Ernani Braga, quer dizer, como é que é isso...

A – Um sociólogo.

B – Um sociólogo...

A – Um sociólogo, na... (incompreensível)

B - ...num programa ampliado de imunização, né?

A – Isso, de imunização, que diga de passagem, é completamente um projeto do campo das ciências sociais, a gente é que achava que era do campo médico, mas não era.

B - Mas não era.

A – Quer dizer, era...

B – Vai conseguir fazer uma campanha e vacinação sem entender como é que é...

A – Exatamente isso.

B -... a rotina do lugar, e a lógica. (risos)

A – Esse é, por exemplo, mais um dos belos exemplos de que a questão da saúde pública, entende? Ela é muito mais uma questão..., né? Não é muito mais, mas é uma questão direta do campo social, e das disciplinas também do campo social, né? Como a intervenção de instrumentos de outras áreas, que são as vacinas e assim por diante. Mas isso é um grande fenômeno social, político, né? Que um dia nacional de vacinações só equiparável aos dias nacionais de... de voto, de eleições.

B – De eleições.

A – E... e como população ativa, são 35, 40, 50 milhões de pessoas num dia estão ativamente voltadas. Quer dizer, como, como fenômeno social, isso é uma loucura, uma loucura, sem dúvida, né? E tem que ser analisado por aí, né? Então, corria o “ano da graça” de não sei quantos anos, isso aí eu não sei...

B – É o Eduardo deu uma coisa assim, mais ou menos...

A – Eu creio que...

B - ... Final de 70, 79, por aí mais ou menos.

A - É eu estava...

B – Final de 70.

A – Eu estava na Escola de Saúde Pública desde 1967, eu entrei, até... eu te digo, até 74, 75... ... é, 78 mais ou menos por aí, eu ainda fui para a parte de..., eu estava na parte de ensino e organização dos cursos descentralizados de saúde pública. E esse não, quando o Ciro, que eu fiz menção lá atrás...

B – Hum, hum.

A – A meia fita atrás, dizendo que era um dos interlocutores nessa discussão das ciências sociais, por exemplo, com o caso da área médica, ele já coordenava o PAI para as Américas, né? Ele tinha, ele tinha participado da erradicação da varíola junto com o Eduardo, junto com o Milton, junto com o Cláudio, junto com o Airton, com uma série de outros deles, né? A... bem verdade, Índia, Paquistão, esses “ão” todos que estão por aí.

B - Que estão por aí.

A - ...Uzbequistão, todos, isso eles visitaram, foram, vacinaram todo mundo lá. Imagina, o que é que é pegar uma emburcada e convencê-la a mostrar o braço para você...

B – Hum, hum.

A - ... para você vacinar, né? Era mais ou menos esse o pequeno desafio que eles tinham, ou então subir num mosteiro do Tibet, tipo num cesto puxado com cordas, 80, 90 metros depois de 45 dias só com água para beber, quer dizer, ou seja, não tinham tomado banho nem os tibetianos lá em cima e nem eles...

L/B – Nem eles (risos).

A – ... Subir dentro de um cesto, então esses..., ou outros que para escapular de uma horda que o perseguiam, precisavam, eles caíam no meio das terras, né?

B – É.

A – Leva uma pazada de um helicóptero na cabeça, tira um tanto, fica 30 dias desacordado, que foi o Cláudio Amaral...

B – É, o Cláudio.

A – Então essas histórias fantásticas, né? Que eles passaram, que eles viveram, depois disso o Ciro, então, foi convidado a ficar na Organização Mundial fazendo a coordenação do programa para as Américas.

B – Hum, hum.

A – E teve a seguinte idéia, de chamar as escolas de saúde pública para elas se incorporarem também no projeto do PAI, essa é a origem dessa historiada toda...

B – Hum, hum.

A – ... em que ele faz uma convocação e uma reunião em Washington das escola de saúde pública, e nessa época, lá do relato meu anterior, eu já estava..., continuava no magistério, mas gradativamente eu me desligando dele pelas razões que eu já expliquei, e ao mesmo tempo entrando mais na questão da gestão, então era a organização do regimento da Escola, do regulamento da Escola, do reconhecimento dos cursos da Escola. E isso me fez ficar muito próximo da direção da Escola. E Ernani Braga estava passando nessa época, ele foi diretor duas vezes nesta época exatamente, depois a gente precisa localizar isso, né? A... e... eu era, digamos, o braço direito nessa questão de gestão e de organização, e me cabia também discutir, quer dizer, fazer a coordenação de uma avaliação anual para a programação do ano subsequente dos cursos da Escola de Saúde Pública...

B – Hum, hum.

A – ... e daquilo que a Escola ia fazendo. Então era normal, foi isso que aconteceu, o Ernani me mandou para essa reunião da Organização Panamericana em Washington. Lá fui eu representando a Escola, porque isso seria conteúdo, entende?

B – Hum, hum.

A - ...Possível ou cursos a serem incorporados, como é que a Escola ia se envolvendo nisso.

B – E da Escola, foi você quem foi ou você com mais alguém?

A – Eu, fui eu. Não, fui eu, fui eu. Fui, fiz com eles todo um treinamento, constava da gente fazer um treinamento para depois poder ser... ser reproduzido aqui e... trouxe e num hábito bastante salutar que nós tínhamos até então, de quem sáísse tinha que fazer um relato para os outros do que tinha acontecido... É... nos reunimos todos os professores da Escola e eu fiz a apresentação, então, do que é que tinha sido o curso, qual é que era a proposta da OPS.

B – Da OPS.

A – Aí foi aquela coisa, primeiro, o que é que um sociólogo tinha que ver com vacina, ainda, na inserção da maior parte da coisa, e a outra parte é que aquilo não tinha muita guarida em nenhum lugar, né? Até que o Departamento de Epidemiologia resolveu a... dar guarida, mas mesmo assim com duas pessoas do Departamento de Epidemiologia e aí dois novos chegantes, que no caso era o Eduardo e o ..., o Eduardo Maranhão e o...

B – O Fernando Laender

A – O Laender, tá.

B – Hum, hum.

A – Aí, imediatamente visualizaram o que foi, e se jogaram e aí começamos a trabalhar em...

B – A trabalhar.

A – .. em cima disso...

B – E me diga uma coisa, Arlindo...

A – Então não é uma questão só de gestão disso, entende? Quer dizer, como é que isso é trazido para uma Escola de Saúde Pública com uma proposta da Organização Panamericana e naquele momento a Escola simplesmente diz que não tem nada que ver com isso, ela está desenvolvendo outros tipos de estudo e ela vai...

B – E por que ela diz isso? Ela diz...

A – Ela diz, porque...

B – Por ser contra a lógica de imunização...

A – Não.

B – Por não estar preocupada com isso, quais eram as questões que estavam na agenda?

A – Ela não estava preocupada com isso... Na época? Puxa, agora você...

B – Eram a organização dos serviços públicos? Era um viés mais da educação e saúde? E que é que...

A – Não, não era tanto da educação e saúde não, é que... Bom, primeiro o grupo da Escola era um grupo pequeno; a Escola estava ainda, ainda estava reduzida, ela já tinha ampliado, ela já tinha ampliado, ela tinha... tinha sido reduzida em anos anteriores, mas depois ela já tinha feito seus concursos, né? Então ela já estava um pouco ampliada, mas as preocupações eram de outra ordem, eram mais preocupações da ordem de quem estava muito em voga naquele momento, era o planejamento, as discussões sobre o planejamento, é o planejamento é, digamos, era a “pedra de toque”.

L – Era a “bola da vez”, né?

A – Hein? Era a “bola da vez”, era a que... Quer dizer, se você, né, quer dizer, era... sempre tem o olisco da vida, não tem? Sempre tem um, aquele que consegue a bola, aquela coisa toda... Pois é, a “bola da vez” era o planejamento. Então era quem levava nessa..., digamos assim, o caminho e que tinha inclusive o maior número de pessoas, etc., e na epidemiologia, não houve rejeição, mas as pessoas estavam, estavam trabalhando com outras áreas. Então tinham algumas áreas muito próximas, inclusive, ao programa do PAI, que era um caso, por exemplo, de diarreia, de respiratórias agudas, que o PAI acabou, inclusive, dando auxílio para as pessoas que trabalhavam... Paulo Sabral trabalhava com isso, Duca trabalhava com isso... Nós acabamos, inclusive, até auxiliando alguns tipos de trabalho, porque a nossa idéia, depois do PAI, era nós ampliarmos para as respiratórias agudas e ampliarmos para as diarreias, né? Quer dizer, para que você, sabe, no campo, quer dizer, do atendimento as crianças era...

B – Trabalhar esse aspecto.

A – ... começar pelas imunopreveníveis e depois então você vai ampliando por aí, né? Porque, na verdade, era o programa da OMS, da OPS, se incorporou depois com o programa brasileiro. Mas, é... eu acho que foi mais isso, entende? Quer dizer, a “bola da vez” não era tanto a bola da epidemiologia.

B – Hum, hum.

A – E na epidemiologia, a “bola da vez” não eram as imunopreveníveis, não é?

B – Tá.

A – Então, houve esse tipo de adesão e a gente foi tocando isso para frente, não é?

B – E essa reunião em Washington, tinha outras instituições brasileiras? São Paulo estava lá?

A – São Paulo estava lá.

B – Foi gente de São Paulo...

A – Tinha, tinha, tinha... tinha São Paulo.

B – E houve uma centralização por escolher a Escola, por exemplo? Teve que se escolher alguém no Brasil, você não podia ficar dividindo.

A – Mas foi por resposta, quem deu resposta...

B – Quem deu resposta...

L – Ah! Tá.

B – Quem deu resposta que topava e que levava foi a Escola...

A – Quem topava aquilo, é. Aí conversamos, quer dizer, houve essa reunião, a aceitação foi dessa ordem, não é? Mas como eu digo sempre, mas a gente está muito mais interessado nos presentes ou nos que aderem dos que não aderem, dos que estavam ausentes...

B – Contar com quem pode, né? Com que tem.

A – É, exatamente, com quem estava lá. E aí Ernani topou, Ernani Braga topou também esse negócio e eu acabei sendo então o coordenador desse projeto dentro da Escola de Saúde Pública.

B – Os objetivos base, assim, do projeto. Quais eram?

A – Os objetivos do projeto era fazer com que se..., a formação de pessoal...

B – Formação de pessoal...

L – Hum, hum.

A - ...A formação de pessoal, entende, para o PAI nas Américas, basicamente era isso; tanto por isso é que estavam puxando a Escola de Saúde Pública, porque a maioria das escolas de saúde pública na América latina eram voltados, inclusive, para pessoal do nível médio, tá. Então interessava muito mais você pegar o pessoal auxiliar etc., etc., etc., e fazer a formação deles, e vocês agora pensando em formação de doutores, epidemiologistas ou epidemiólogos, como eles querem, entende? Mestres ou... entende?

B – Hum, hum.

A – Não era bem esse o “barato” da história, esse é o “barato” que vai acontecer depois mais tarde...

L – É.

A – Quer dizer, quando o campo das imunopreveníveis é que ganha força, aí então você começa, a epidemiologia então cria um campo específico, áreas de concentração... Não só na Escola de Saúde Pública aqui, né? Aqui no Rio, mas em outra escola, departamento de saúde preventiva, que isso também passa a ser um tema de relevância de interesse, não é?

B – Só dar uma viradinha...

Fita 1 – Lado B

B – Você estava falando que não era esse o “barato” de formar...

L – Formar...

A - É, isso.

B – ... nesse momento, médicos nem doutores, mas formação de pessoal técnico.

A – É, do pessoal básico, isso, técnico, que ia trabalhar diretamente com o programa para administração.

B – E era por forma e dar cursos...

A – Aí era basicamente...

B - ... aqui fora daqui...

A - Então, nós... Então, não, então deixa eu explicar, a primeira coisa que nós fizemos foi fazer a tradução de um curso existente em espanhol para o português, né? E fazer as devidas adequações, que a gente achava que fossem..., que fossem necessárias; fizemos o curso, fizemos as traduções, fizemos os testes aqui junto à comunidade aqui de Manguinhos e isto posto, então, neste mesmo momento nós estávamos com o programa..., programa de educação continuada da Escola, que era todo um programa editorial, mas com uma gráfica, era o PEC.

B - Hum, hum.

A - Hoje departamento, não sei quê, CS, alguma coisa assim. E esse PEC, então, editou ou editava esse material, tá.

B - Hum, hum.

A - Então, nós..., quer dizer, da Escola saía, tem por aí até hoje... Da Escola saía não só, digamos assim, o conteúdo, né? Que foi uma adaptação ou uma tradução desse..., desse trabalho que existia em espanhol, mas como saiu o próprio material impresso...

B - Impresso...

A - Que foi utilizado nos cursos em todo o país, né?

B - E aí, recursos para esse tipo...

A - Recurso para isso, a organização Panamericana passou, né? Num primeiro momento a gente lidava com esses recursos para poder fazer as viagens, seminários, etc., etc., etc...

B - Compra de material mesmo...

A - Compra de material, distribuição...

B - Consultorias, né?

A - É, e ao mesmo tempo, tinha o apoio do Ministério da Saúde porque... o PNI, não é? Era o único país parece, nas Américas, que mudou a sigla, os outros ficou só PAI, Programa Nacional de Imunização, aqui como já vinha um Programa Nacional de Imunizações...

B - É.

A - ... nós resolvemos manter a sigla e não modificar, isso o Luís deve ter falado para vocês.

L - Hum, hum.

A - E mais a gente teve muito apoio do Risi também, né? O Ministério nos deu esse tipo de apoio, quer dizer, então tinha essa força interna da Escola de Saúde Pública, né? O... logo depois foram se incorporando outros, que depois se meteram pelas áreas da epidemiologia, do planejamento e eu já nem sei quanto mais são, a Marília, Verani, etc., um bolo de gente que entrou, né, PAI adentro nessa historizada, e foram desenvolvidos depois outros tipos..., outros tipos de cursos também, não é?

B - Agora, de dentro da Fiocruz, tinha também já um espaço de interlocução com outras unidades...

A - Com outras unidades, tinha...

B - Com Bio-Manguinhos...

A - Tinha, tinha, tinha.

B - Por causa das vacinas, IOC...

A - ... Porque a esse mesmo tempo estava correndo o programa de auto-suficiência em vacinas, não é?

B - Ah, tá.

A - A... e esse programa de auto-suficiência previa, né, de acordo com o nome, que pelo menos naquelas vacinas do PAI ou do PNI, o país pudesse ter auto-suficiência... auto-suficiente num espaço curto de tempo, não é? E isso seria dividido basicamente entre Rio de

Janeiro e São Paulo, mais tarde com a entrada do Paraná, até como o ministro do Paraná, o secretário do Paraná se equipou, TECPAR; a TECPAR entrou também junto nesse pulo. Houve tentativa de incorporar o Rio Grande do Sul, Minas Gerais também, Minas Gerais a gente até fez alguma coisa no campo da raiva (incompreensível), também entrou nessa historiada toda. Então, havia sim, havia uma interlocução com a área de produção e por consequência também com a área de controle, tá? E... isso foi se espalhando, depois quando se fez mais tarde um curso, por exemplo, de cadeia de frio, esse curso através de Bio-Manguinhos com suporte da JAITA? aquela, aquela...

B – Japonesa...

A – É, aquela japonesa, o CNPq japonês, digamos assim...

B – É (risos)

A - A JAITA financiou, então foram feitos cursos de frio para..., para... coordenadores de PAI de países de Latino América, ainda que o centro de cadeia frio fosse Colômbia, não importa, mas os cursos também foram feitos por aqui.

L – Hum, hum.

A – Então, aqui é..., era o centro a... para a parte de formação de pessoal, de desenvolvimento de material institucional e formação de pessoal.

B – De pessoal.

A – Acontece que não parou nisso, né. Daí, então, o movimento acabou sendo cada vez maior, não é? Mas aí já mais eles, aí eu já estou fora dessa história, mas no campo das estratégias, das logísticas, no campo dos testes, por exemplo, a vacina de pólio quando ela é testada, né? A... nova concentração, que isso é testado.

B – Hum, hum.

A – (incompreensível) sabe falar dessas coisas, né?

B – Hum, hum.

A - A... deve ter relatado para vocês. Então aí, já nesse grupo, está aqui, está acompanhando...

B – Até no caso do Nordeste teve o grupo do PAI que foi e que fez pesquisa, né?

A - O PAI, perfeitamente, exatamente isso, porque...

B – O Guido contou um pouco para gente...

A – Isso, isso, isso. Também já estava entrando no meio dessa historiada toda. Então, quer dizer, é para ter uma idéia de que aquilo que começa, entende? Com um chamamento da Escola participar, entende, em dar cursos de treinamento básicos, o PAI acaba se convertendo, entende, num programa de amplo alcance. O resultado, o sucesso de trabalho aqui, levou a que o Ciro, em Washington, acabasse chamando esse pessoal todo para dar suporte ao PAI nas Américas. Então, não é à toa que esse povo começou a viajar por aí a fora...

B – A ser chamado para...

A – A ser chamado para ir, por isso, eu acho que foi o caso do Verani que foi se meter na África, a... Maranhão, Laender, Marília, e aí não vou dizer mais porque senão só vai esquecer nomes, os outros todos que se meteram pelos países da América Latina e que hoje estão em Washington, inclusive, assessorando o Ciro...

L – O Ciro.

A – ... e que começam desse embrião nessa historinha.

B – Agora, pensando para a Escola, você acha que mesmo com essa..., meio resistência inicial...

A – (incompreensível).

B – ...Mas que depois foi tendo esse fruto para Escola, o PAI também foi importante como estrutura, como crescimento, como nova área...

A – Menos do que certamente a relevância dele como..., dele como projeto...

B – Dele como projeto.

A – Dele como projeto. Ele acabou, ele acabou à margem, ele acabou à margem, e em determinados momentos, inclusive, tendo, não só resistência, mas tendo como..., quer dizer, manifestações bastante ostensivas, entende? Contrárias ao grupo do PAI por estar muito mais voltado, por exemplo, nessa fase, que eles estavam voltados mais para dar acessoria internacional, entende? Ah, está muito mais voltados para fora, estão muito mais interessados em dar acessoria internacional, ganhar seus dólares do que estar trabalhando aqui dando duro dentro da Escola, dando as aulas aqui, não é? O que acontece é que esse grupo esteve muito mais envolvido sempre com o ... o exercício da prática do que o exercício da docência acadêmica; tanto que vocês podem ver que, pelo menos uns dois mais emblemáticos, o Fernando e o Eduardo, não concluíram seus cursos de mestrados e não fizeram seus doutorados, não é? Estavam muito mais envolvidos com essa prática...

L – Hum, hum.

A – Então, quer dizer, o espaço docente deles era muito limitado, que eu acho que faltou, acho não, tenho certeza que faltou, entende? Nos confades, e aí por várias e honrosas razões, foi aproveitar, inclusive, o trabalho feito por eles até como matéria de estudo.

L – Isso, isso.

A – Entende? Os alunos fazem intervenção, e outros vão atrás, estudando...

L – É.

A – E como disciplina você vai estudando o que está acontecendo.

B – É.

A – Mas o fato deles terem um envolvimento menor com a docência acadêmica, né? E etc., etc., mestrado, doutorado... (incompreensível), os isolou. Então, o PAI acabou sendo um espaço de duas salas dentro do Departamento de Epidemiologia mais do que uma área da epidemiologia, entende, em que eles desenvolviam as coisas.

B – Agora, pensando para o Ministério da Saúde, aí o programa teve...

A – Não, altamente interessado...

B - ... ampliação, né? Porque teve um impacto...

A – Claro, claro, claro, altamente interesse, altamente interesse mesmo.

B – Essas reuniões que você ia em Brasília, você chegou a participar inclusive das reuniões que estavam pensando: “a pólio vai ser a primeira que a gente vai atacar”. Você viveu esse contexto aí, porque isso é anos 80 e nossas campanhas nacionais.

A – É, é claro, claro.

B – Não é? Precisava do apoio do PAI porque era uma das doenças.

A – Precisava do toda a formação, todo o funcionamento do pessoal era por aí, viria por aí, né?

B – E essa lógica de pensar a campanha, e aí juntando um pouco as coisas que você falou, e a mobilização de massa...

A – Hum..

B – Né? Que..., que questões estavam por trás, se pensou um plano...

A – (risos)

B – ...se pensou estrutura da cidade...

A – Não, tinha a... havia exemplos disso, né? Quer dizer, não era a primeira vez que isso era feito, não é? Mas com essa magnitude, da... a então União Soviética já tinha feito isso, a China já tinha experimentado isso, mas a... até pelas dimensões das duas, mas não como programas nacionais, eram discutidas as estratégias. Sabe, o que se sabia é que a rede básica de serviços de saúde acabava não dando conta, entende? De uma permanência do processo de imunizações de um lado. Então, você tinha uma rede, que não dava conta disso por várias e honrosas razões, entre outras por questões logísticas, porque as vacinas não chegavam, ou por questões logísticas porque as vacinas não eram conservadas, não é? Ou porque o atendimento às populações era ainda um atendimento limitado, entende? As populações mais pobres, quer dizer, saúde pública ainda tinha uma conotação de saúde para os pobres. A gente tem que lembrar que nesse momento você, a... está na unificação dos IAPs, Institutos de Aposentadorias e Pensões, a criação do INAMPS, mas isso quer dizer o seguinte, a parte curativa está com a Previdência e a parte da chamada preventiva está com o Ministério da Saúde, então, a classe média, integrados economicamente, estão todos assistidos pela Previdência, pelo INAMPS, né?

B – É.

A – É... como diria o Hélio Gaspari, a escumália, né? Atendida pelo..., pelo Ministério da Saúde, não é? Então, a tua cobertura, ela sempre seria uma cobertura limitada, né? O que unia os postos de saúde é alguma coisa que pelo menos causaria estranheza, quer dizer, fulano deve estar numa situação tão ruim que foi visto entrando ontem no posto de saúde.

B – No Ministério de Saúde.

A – (risos) Fulano está falido, né? O que mais tarde aconteceu com todo mudo que foi indo para os postos de saúde como hoje vão indo para as escolas pública, também a mesma coisinha e... Bom, mas isso só é uma outra entrevista, né? E com uma outra pessoa que não eu. Então, deixa eu te dizer, então a gente tem que entende isso, quer dizer, a cobertura dos serviços era muito irregular. Um, A logística da, para fornecer os insumos na área de medicina era absolutamente irregular, a cadeia de frio inexistente; então, o mais usual é que você tivesse mandando bala com vacina que já estava vencida, tinha sido mantida em temperatura inadequada, mais ou menos como essa que a gente está vivendo aqui no momento (risos)

B - (risos) Bem quentinho...

A – Bem quente.(risos) Então era isso, mais ou menos, o que podia acontecer. Então os dias nacionais, eles vinham também para resolver também uma questão logística, né? Quer dizer, você teria uma mobilização num determinado momento quando você podia ter, quer dizer, 48 horas de gelo ainda dava para você resolver; você entra com as vacinas, você tem um estoque centralizado, faz a distribuição, entra com esse estoques e vê o que acontece, né? E por outro lado, você... chega a uma cobertura maior porque você tem como chamar a população, não para dentro do posto de saúde, você tem que chamar a população para o programa de saúde, tá. Que é convocado pelo Presidente da República, pelo Ministro, é convocado pelos governadores, pelo bispo, pelo cardeal, pelo pastor, todo mundo chamando, né? Não eram tão fortes as vozes dos pastores...

B – Dos pastores, né, mas...

A - ... Mas foram chamados.

B – ...da igreja católica sem dúvida.

A – Mas todos chamados, todos chamados para isso. Então era, digamos assim, era normal que você fosse visto, entende, com uma criança numa fila vacinando a criança num dia nacional de imunizações, ao contrário, até era elogiado o que você estava...

L – É, estava aderindo a campanha...

A - ... no exercício da cidadania, do controle de uma doença, de uma enfermidade que era grave, tinha que tratar, etc., etc., etc., entende? É, esse é o conjunto de coisa, e há o outro argumento ainda, que não deixa de ser verdadeiro, é também, que vivia-se num momento de ditadura. E aí é que se colocava, inclusive, do ponto de vista das estratégias, entende? Um conflito técnico ideológico.

B – Hum, hum.

A – O logístico ideológico, que era o fato de considerar que isso só aconteceria num governo centralizado, razão pela qual, então, da mesma forma com as ordens emanadas do ditador, entende? O programa também emanava de lá.

B – É, de lá

A – E era a época dos programas do ministério, não é? Que era uma coisa, é... contra a qual se rebelavam, pelo menos do ponto de vista teórico, entende, segmentos importantes da opinião dentro do campo da saúde pública; inclusive, na Escola de Saúde Pública a quase totalidade. Então, o embate estratégico e ideológico era esse, entende? Se isso era uma..., era uma estratégia, era um... um... era uma estratégia, né? ... possível dentro de uma circunstância de um governo autoritário, entende? Ou era uma opção com base, por exemplo, nesse tipo de fundamentação que eu dei anteriormente. Então, essa era uma... uma questão que se colocava, então haviam grupos que diziam: “não, o que nós temos que fazer é implantar isso, entende, no atendimento do cotidiano, quer dizer, na rotina do serviço de saúde”. E o outro grupo defendia os dias nacionais como estratégia e dizia assim: “mas se nós fizermos isso, nós não vamos ter as coberturas que precisamos simplesmente não... Então, por que a gente não faz as duas coisas” Porque ao longo do tempo, né, o que é que se passa? Se passa a incentivar, entende, isso na rotina, sabe, de forma que os dias nacionais, eles não fossem tão decisivos e determinantes, mas acabam ainda sendo decisivos...

B – É

A – ...e determinantes até hoje, né? E mesmo assim, em determinadas situações, você não consegue ter as abrangência todas necessárias, né? Mas para esses dias, por que também esses dias funcionavam? Esses dias funcionavam diferentemente das rotinas porque tinham dinheiro para eles. E por que tinha dinheiro? Tinha dinheiro para eles porque todo Ministro da Saúde sabia que ele se sustentava na medida que os dias nacionais fossem bem sucedidos.

B – Certo.

A – Claro, quer dizer, o grande aval que os Ministros da Saúde, não eram programas de meio ambiente, não eram para outros programas..., era sempre programa de imunizações, sempre, sempre, sempre de imunizações. Então, quando chegava em imunizações, aquilo que tinha sido na década de 40, né? Ou antes da década de 40 as campanhas de erradicação de malária, depois SUCAM...

B – Febre amarela.

A – Febre amarela, “bababa...”, com os quais também não faltavam dinheiro e quando faltou foi um “Deus nos acuda...”

B – Hum, hum.

A - ... (incompreensível) as campanhas de saúde pública no Brasil, tá? A... então, os dias nacionais mantinham aquele mesmo teor, entende? Das campanhas que, sabe, aquela coisa... “Ooh!”... entra, e por outro lado tinha um dinheiro para serem realizadas, então não... Podia faltar dinheiro para qualquer coisa, mas não ia faltar dinheiro... Quando faltou dinhei..., quer dizer, quando nós tivemos, entende, a epidemia de meningite, isso foi o quê...

B – 80.

A – 82, 83; 82, 83, né? O Brasil entregou de “mão beijada” para o Laboratório Mérieux, na França, 250 milhões de dólares, para o Mérieux fazer o laboratório, fez o laboratório, produziu a vacina e depois passou a ter tecnologia no Brasil. Sabe, quer dizer, 250 milhões de dólares apareceram na hora que você teve a meningite chegando em São Paulo. Então, o sistema nacional de imunizações você tinha também, teve o dinheiro para você fazer. Então, não é desprezível a questão do dinheiro, entende?

B - Hum, hum.

A – Quer dizer, também..., para um dia nacional você tem dinheiro; quer dizer, agora, para você colocar isso em rotina... Não tem impacto isso, não tem a repercussão política, isso não dá sustentação política. Então, quando o Ministro ia para a televisão, entende, dizer que as nossas coberturas foram todas superiores a 80%, atingindo 90% no Rio de Janeiro, ou 105%, como algumas vezes se atingiu no Rio de Janeiro, porque vieram de outros estados para cá, não sei o que “tatata”..., não é? Então isso...

B – Ficava uma marca.

A – Carimbava o passaporte dele por mais seis meses.

B – É (risos)

A – Até o próximo dia nacional de imunizações. E esse, esse, esse era um tema, entende? Com todas essas vertentes, uma justificativa de uma... de uma estratégia, depois também ao mesmo tempo, o fato de que determinados momentos você precisava vacinar não só a população da primeira idade, mas populações de idade crítica, como se está fazendo com rubéola agora, né?

B – Com rubéola, até 30 anos.

A – 14 a 29, 15 a 29, 39, variando de estado para estado.

B – É.

A – Então, quer dizer, você fazer uma concentração num serviço de atendimento a criança nos postos de saúde, você estaria deixando de lado como foi feito com sarampo depois 14 anos, né? Deixou de ser preenchida, né? Acho como a própria pólio também, né, as faixas etárias eram mais amplas, né? Então essa era também outra razão, do ponto de vista epidemiológico, né? De determinar sob a logística dos dias, do dias nacionais.

B – Nacionais. E aí, a integração do PAI com os dias nacionais, ia muito pela formação, porque quem ia aplicar as vacinas era...

A – É, é, verdade.

B - ...aquele povo que vocês estavam formando, né? E vocês também participavam no dia a dia da organização, por exemplo, um plano de comunicação de mobilização, né?

A – Fazia sim, fazia, fazia.

B – Como é que vocês participavam disso?

A – Isso, é... o próprio Ministério produ... é... produzia, né? É... eventos, e a gente participava disso, sim. Que são dias nacio..., quer dizer, que eram os dias nacionais de mobilização contra a pólio, era assim, era assim chamados, né?

B – Hum, hum.

A – E... isso se dava com incorporação de número muito grande de atores, quer dizer, isso depois foi sendo incorporado pelos estados. À medida que os estados viram que isso também tinham, tinham resultado importante, né? Os próprios secretários com os..., foram se dando conta da força que eles tinham também dos dias nacionais de imunização, eles começaram também a fazer as suas mobilizações estaduais. A mesma coisa também acabou indo para os municípios, entende? Isso é uma..., isso é uma cadeia longa na verdade, e junto com isso toda

uma... toda uma mobilização bem interessante, né? De consciência junto com a população da necessidade de a... de você está prevenido para você poder prevenir os demais, né? Eu acho que isso é uma coisa que conseguiu se passar nos dias... nos dias de mobilização; não é só você se prevenir, mas você, no momento que você se previne, você também não é um transmissor. Isso foi uma coisa que ficou, que foi lindo! Então isso que eu estava dizendo para vocês, que tinha um time aí e tem um sentido...

B - Cidadania.

A – ...cidadania envolvido nisso, né?

B – Hum, hum.

A – Quer dizer, essa participação assim, todo mundo... bota a criança no colo com aquelas filas, aquele bolo..., vai gato, cachorro, papagaio, todo mundo vai para aquela fila, aquele negócio, tem um sentido de cidadania, sabe, uma coisa que a gente pode lutar contra que a gente vai..., que a gente vai vencer, e que é bom que seja assim, que não vai ter mais criança aleijada, troncha, (incompreensível), né? Então, você, você vai nessa... nessa direção. Então a gente participava, entende, dessa parte de mobilização, e aí tem uma quantidade enorme de atores, entende? Quer dizer, entram nisso... “o que você quer?” Todas as companhias de barcos da Amazonas se dispunham nos dias nacionais a fazer o transporte de vacinas e de gelos. A... na época em que você não tinha internet, o alcance dos telefones, você não tinha celular e era um “Deus nos acuda”, os rádio amadores entravam no meio disso, né?

L – Hum, hum.

A – Então as informações você ia passando por rádio amadores, que iam passando pelo país inteiro. Aí os escoteiros entravam, entravam... todo mundo ia entrando nessa história, tinha...

L - É uma cadeia, né.

A – É, era uma cadeia, tinha, tinha uma..... é a questão da cidadania, tinha um chamamento, entende?

L – Hum, hum.

A - Que é muito mais, certamente estaria reforçado pela idéia de um chamamento cen... centralizado, em um momento de centralização política, sem dúvida nenhuma, isso é um reforço, mas não é suficiente para explicar, entende? A adoção dessa estratégia ou muito menos para explicar a adesão das pessoas a isso. Eu não recorro das pessoas discutirem se vai vacinar ou não, porque isso é da ditadura. Ao passo que torcer ou não, entende? Pelos testes brasileiros de 1970, entende, era uma discussão, porque era o Médici que estava lá, e torturava e matava e etc., e prendiam, né? Então, essa... torcer pela seleção brasileira era uma discussão, agora, vacinar criança, não lembro de ninguém ter colocado isso dentro dessa esfera política.

L – É.

A – O que me..., o que me dá uma tranquilidade maior para poder afirmar que a ambiência, entende, de um governo autoritário era favorável, não é?, a isso. Quer dizer, hoje você terá por parte dos municípios, dos estados e do próprio governo federal, uma ênfase no discurso a descentralização, a incorporação na rotina, não é? Porque esse, é essa a ênfase na política nacional e da política de saúde, né? Sistema Único de Saúde, níveis de competência, descentralização das ações e serviços de saúde, competência básica da ação ao nível municipal, né? Então, cabe a esfera federal prover os meios e os moldes para isso, comprar vacina, comprar produtos, vacina, “tarara”..., distribui para os estados, os estados distribuem para o município, os municípios é que são os grandes atores, né? Eram os grandes atores, o município, mas existia um comando, entende?

B – Um comando.

A – Nacional, que era extremamente forte naquele momento, então... Então tinha essa mobilização, a gente se envolvia nisso, discutia sim. O governo colocava os seus meios de comunicação, os seus espaços nas televisões a favor desse negócio; as campanhas estavam colocadas, eram outro capítulo, outro tema....

B – Pois é... (incompreensível)

A - ... as criancinhas numa cadeira de rodas, as criancinhas vendo os outros jogar futebol...

B – O útil dessas imagens com relação a doença, né? Você tinha essa coisa de...

L – Era para causar impacto, né?

A – Era... era para causar impacto. Creio que foi na..., na..., não, já não creio mas nada. A... não, eu ia dizer que foi na Copa de 70, não, acho que não foi Copa de 70, não sei. Numa das Copas do Mundo, vocês é que estão estudando, vocês é que tem que fazer pesquisa, a... uma das campanhas é essa, é um menino... numa cadeira de rodas assistindo os outros meninos a jogar bola, né?

L – Hum, hum.

A – Então, você está assim, em plena campanha e coisa, e tinha uma frase que era alguma coisa assim: “Se ele tivesse tomado a vacina, ele hoje estaria participando do jogo...” Algo assim no estilo, não é? Quando foi a Copa do Mundo agora de noven... Como é que foi essa aí?

B – Noventa e oito foi a última...

A - Noventa e oito a última, né?

B – Que aí usaram o...

A – Era o Ronaldinho que estava numa cadeira...

B – O Ronaldinho.

A - ...de rodas, né?

B – É.

A – Mas aí ele saía, ele saía da cadeira de rodas e aí a frase dizia mais ou menos assim: “Imaginou se...

B – “Ainda bem que ele tomou a vacina...”

A – ... ele não tivesse tomado a vacina”. Ou, “ainda bem que ele tomou a vacina”. Eu, acho que a vacina não pegou muito bem nele, né? (risos)

B – (risos)

A – Aquela amarelada final...

L – (risos) O joelho dele...

A – O joelho dele, aquela amarelada final...

L – Foi péssimo, né?

A - Olha, eu acho que aquilo ali não pegou direitinho.

L – Jogou o título fora.

A – Jogou, exatamente; eu acho que... Mas, mas é só para dizer para vocês, quer dizer, qual era o contraste. Então, na época, toda a comunicação estava calcada em cima, entende, dos danos causados pela doença, não é? E claro, você tinha figuras emblemáticas nisso, você tinha o Sabin, no caso do Sabin, também era casado, foi casado, né?

L – Com uma brasileira.

A – Com uma brasileira, então, isso era também uma parte da glória nacional, né? É como uma apresentadora de televisão atual que teve um caso com um cantor, com um roqueiro...

B – Pois é, aí tem...

A - Foi a glória nacional...

B - A glória nacional...

A - Como é que chama a menina...

L - Foi um caso de mídia, né?

B - Luciana Gimenez.

A - É, a Luciana Gimenez, que apareceu numa capa de revista envolta...

B - Com a bandeira.

A - ... com a bandeira nacional, né? Quer dizer, a glória brasileira é a Luciana Gimenez que agora vai ter um filho com Mick Jagger, né?

B - É.

A - Era mais ou menos esse o paralelo, né? A... onde nós estamos, fomos chegando. Então você tinha isso, então você tinha apelos bastante fortes, não é?

B - E você tinha uma coisa de uma profissionalização desse “barato” da campanha?

A - Dessa argumentação?

B - Tinha um uso da (incompreensível) profissionais?

A - Quem fazia isso era...

B - Como é que era isso aí?

A - Não, quem fazia isso eram as agência de...

B - Publicidade.

A - ...de publicidade contratadas pelo governo; agências de publicidade contratadas pelo governo, elas é que faziam essas mobilizações. A gente não tinha acesso a isso, nós não participávamos, aliás, como até hoje esse é um campo de...

L - Até hoje no Ministério de Saúde...

A - Até hoje no Ministério essas campanhas são todas desenvolvidas por agências de publicidade.

L - É, é.

A - Todas, todas, todas, todas...

L - Agências externas, é.

A - Elas têm a Acessoria de Comunicação, ASCOM, né? Do gabinete do ministro.

L - Não só as da pólio, as da AIDS...

A - Todas, todas. Eles tem uma agência, são três as agências, mas uma delas é dedicada exclusivamente as campanhas.

L - Ham, ham...

A - Então, toda e qualquer campanha, dia primeiro de dezembro dia nacional, ou dia nacional da Aids, “tarará”...

L - Da Aids.

A - Aí você, “pumba!” A agência vem; então isso sempre foi feito pelas agências. O que a gente fazia era discutir um pouco, entende? A...

L - O teor, né?

A - ...essa história, do teor disso, que estava, né? Já nos parecia que era muito estranho, mas em todo caso... Não era como a Aids, não sei se vocês tem idéia, a primeira logomarca da Aids, digamos assim, hoje é aquela fitinha vermelhinha, né? Que todo mundo usa (incompreensível). A primeira logomarca da Aids era um coração em forma de caveira...

L - Nossa!

A - ...Com dois olhinhos e com dois ossos assim, ou seja, quer dizer, “amor mata”, mas ou menos era a... Não está dando para mostrar no gravador... (risos)

L - (risos)

- A – Mas é como se fosse a bandeira dos piratas.
L – Nossa.
A – Exatamente a bandeira dos piratas, só que em vez de ser aquela caveirinha em cima, era uma coração desenhado, quer dizer, tinha aquele...
L - Com aquelas figas assim...
A – É com aquelas figas, isso. As duas figas...
L – Eu não me lembro disso não...
A – Foi, foi a primeira que me chegou, foi não... eu só estou dizendo para vocês, quer dizer, como é que a vertente da comunicação vinha para esse lado, do lado da morte. Então, por exemplo, a hanseníase...
L – Hum, hum.
A – A lepra, também mudaram o nome; câncer, né? Câncer era a... o símbolo de câncer era o caranguejo, que era o símbolo do zodíaco, não é isso? Não era um caranguejo, vocês que são zodiacais?
L – (risos)
B – (risos)
A – Então aparecia, era o câncer, e quando foi feito há muitos anos uma campanha de câncer da... câncer de mama, era um seio encoberto com um caranguejo assim no seio, só para tomar idéia (incompreensível), que era para tornar bem atraente...
L – Teve o da Cássia Kis, né?
A – É, pois é, teve o da Cássia Kis...
L – Foi melhor. (risos)
A – Para ter uma idéia, quer dizer, a vertente da comunicação, era essa...
B – Quer dizer, e na pólio, essa coisa da exploração do dano...
A – Também, também...
B - ... da doença...
A – Do dano da doença, do dano da doença.
L – Como forma de prevenir, de chamar...
B – Da paralisia que teve...
L - ... à vacina, que é a prevenção, né?
A – A história é muito longa que você sintetizou numa frase corretamente.
B – Não, mas é..., é isso, né? É em cima da...
A – É em cima do dano, é a criança que não pode andar, não pode (incompreensível), etc., etc. Tanto que nunca se discutiu mais abertamente a questão do..., da pólio vacinal, mas isso teve depois na discussão técnica; claro, isso sempre teve no campo da discussão técnica e depois teve no campo também da discussão, da Sabin versus Salk, né? Quer dizer, quando você teve já níveis de cobertura, quando você diminuiu ou acabou com o número de casos, “ e agora, o que é que eu faço”, né? Quer dizer, eu continuo agora ministrando uma vacina que me dá uma pro... no mínimo, não sei mais quantos, um milhão e qualquer coisa lá, pode acontecer caso...
B – Uma possibilidade...
A - Uma possibilidade de pólio vacinal, ou eu vou partir para um outro tipo, que é mais complicado, que não são as gotinhas, mas eu vou ter que dar injeção, a criança vai reclamar... Ou vou, vou ter que misturar...
B – (incompreensível) Procura no ambiente, que ela é inativa e não encontra no ambiente...
A – Isso, então, como é que eu vou fazer isso? Então, do ponto de vista estratégico isso... estratégico, esse foi um assunto semi-reservado.

B – Hum, hum.

A – Entende? Para os técnicos...

B – Você imagina esse...

A – Até para você não jogar isso.

B – Só não vacina.

A – Não... não vacina.

B – É.

A – Porque não vai dar.

B – Não pode dar. A figura do “Zé Gotinha”, você acompanhou assim o processo de discussão...

A – Não. Essa é uma figura mais, mais recente.

B – Mais 85 para cá, né?

A – Isso é mais recente. Tudo que eu vi de repercussão, acompanhei... em momento que eu estive em dias nacionais de vacinação, em lugares onde eu estava, em eventos, em conferências nacionais, em congressos, o “diabo a quatro”, sempre foi uma figura extremamente simpática, né? Mas já faz parte dessa virada em termos de, quer dizer, é muito mais aproximar a criança, não é? De um..., de uma figura... carinhosa, afetiva, gostosa, né? Numa época em que você está tendo na televisão para as crianças uma série de personagens com essas mesmas características, né? Quer dizer, não é... não é muito distinto do que vai acontecer depois com os “teletubes”, e o não sei das quantas. Sabe, quer dizer, você tem no imaginário infantil você tem esse tipo de... esse tipo de personagens, não é? Então, o “Zé Gotinha” teve, nunca fiz pesquisa, nunca vi pesquisa, apenas falo do que eu experimentei nisso aí, sempre teve uma extremada receptividade.

B – Hum, hum.

A – Ou seja, que aliás, do ponto de vista conceitual teria que ser assim, não é? A não ser que o “Zé Gotinha” fosse muito mal feito e o cara que estivesse lá dentro do “Zé Gotinha” fosse irritado, tivesse a fim de dar uns “cacetes” nas crianças, caso contrário teria que ter alguma, entende, alguma receptividade.

B – Algum apelo, né?

A – Algum apelo.

B – Que faz esse papel...

A – Faz, ele faz.

Fita 2 – Lado A

L – Fita número 2. (risos)

A – (risos)

B – Senão a gente se perde e depois não se encontra.

L – É.

B - A gente estava falando dessa, dessa lógica...

A – Lado A.

B -...das campanhas, você colocou essa figura do “Zé Gotinha” como outras e tal, essa diferenciação...

A – Sei.

B – ... na coisa da campanha, que dá um pouco uma da história, de que papel que tem esse lado da comunicação social na saúde.

A – Hum, hum.

B – Não é? E a pólio pode ser considerada como um grande marco pela questão das campanhas? Por ter sido a primeira grande campanha nacional? Você marca ela como um momento... Já era muito comum estar preocupado com essa questão do marketing, do convencer o outro a ir, quer dizer...

A – Não, acho que sim, a varíola, no caso da saúde é a varíola, varíola é que foi a primeira, quer dizer, se eles não tivessem feito também no mesmo molde na época da varíola, não sei se teria conseguido resultados não. É, essa questão não é muito simples não.

B – Hum, hum.

A – A... deixa eu dizer para vocês, porque o... há um tempo em que a gente diz, né? “Bota o cara lá com a..., com a cadeira de rodas...” Que horrível, bota o outro depois saindo, agora ele pode jogar futebol, “que bom!” A... não é obrigatoriamente assim...

B – Hum, hum.

A – Sabe, a ... essa é uma discussão que nós temos, que eu tenho hoje aqui com o pessoal do Canal Saúde, que é a discussão permanente, entende? Até que ponto você colhe uma lágrima, você... investe numa lágrima... O que não é simples não, não é nada simples não. A... há pesquisas atuais... Um instantinho. Ah! Água mineral...

B – Obrigado.

L – Água do filtro.

A – (risos). Essa aqui espero que esteja menos contaminada que a do filtro. Nós estamos falando no Rio de Janeiro, século XXI, 21 de novembro...

L – (risos) A água cheia de alga...

A – ...às 13:25. Isso, e a água está cheia de algas, assim é que se um dia alguém assistir isso, antes do final do século XXI, vai saber que assim nós estávamos aqui, não era só neste século XX, Oswaldo Cruz matando mosquito a “porrete” no Rio de Janeiro...

L – É claro.

A – Nós, nós ainda estamos...

L - No início do século XXI também, né?

A – ... nós estamos dando “porrada” nas algas, isso.

B – Tentando dar, né? E elas nem...

A – E elas nem...

B – Engolindo.

A – Então, deixa eu dizer para vocês... A... eu não sei se era esse o sujeito dessa, dessa coisa, né? É, porque o... não é claro, entende? Que um..., não é que não seja claro, há os que defendem, entende, que alguma coisa você tem que tocar, a...na...

L – No sentimento, no apelo...

A – É, é, no...

L - Sei lá!

A – É, alguma coisa você tem que tocar nesse universo.

L – Hum, hum.

A – Quer dizer, deixa eu explicar, né? A... você não passar nenhuma mensagem, evidentemente, quer dizer, você quando vai educar alguém, você pode usar o método que for,

eu fui educado num método que é assim: “bê-á-bá, be-é-be, be-i-bi...” Hoje todo mundo olha isso e diz: “ah, ah, ah”, grande gargalhada...

L – Pois é.

A – Dependente, né? Não é assim “cara pálida”, você pode usar este, você pode usar o das sílabas, “ba, be, bi, bo, bu”, ou você pode usar a... o dos conceitos, né? “caneca, enxada”, não sei que...

B – Vai de Paulo Freire e vai com tudo...

A – Vai por onde você vai, se você não estiver envolvido, entende, emocionalmente envolvido mesmo, pode usar o que você quiser que nada funciona, né? Então, evidentemente, que no nosso caso da comunicação também com relação as vacinas, o “diabo a quatro”, além da questão da cidadania, ou a questão da cidadania, há um envolvimento emocional sempre, quer seja você mostrando figuras, entende, do que você não gostaria, não é? Da criança paralítica, “taratata”. Quer seja você mostrando figuras da criança saudável ou do “Zé Gotinha”, entende? Alguma forma você tem, quer dizer, obrigatoriamente você vai mexer com o sentimento. O que eu estou dizendo é que não é, entende? cem por cento, entende, você dizer que a... não dá mais para mexer com caranguejos em cima do seio... Eu estou dando os meus exemplos que eu dei anteriormente...

B - Hum, hum.

A – Entende? Ou a criança na cadeira de rodas, entende, ou chamar de lepra... Sabe, não, não é... Há os que defendem e defendem teoricamente com muita, com muita ênfase que você... Deixa eu ver se eu lembro o termo exato, que eles empregam. Você..., você tem que... .. É, de uma certa maneira seria, “você tem que dar uma quebrada na auto-estima”, entende? Você tem que entrar por esse, por esse campo, tá. A... alguma coisa assim, egóica, de ruptura de ego. Então, a essa forma, digamos assim, vamos chamar de mais violenta ou mais agressiva, não é mais violenta, mas mais agressiva, não é? Agressividade é uma coisa, violência é outra, né? Essa forma agressiva, ela corresponderia, entende, a uma tática interessante de ser utilizada também no campo da saúde. Esse, eu preciso dizer para vocês, é um dos diademas, como a gente brinca, permanentes, um diadema, um... um dilema permanente aqui dentro do dentro do Canal Saúde. Sabe, quer dizer, como é na hora que você abordar a questão da saúde...

L – Hum, hum.

A - ...Em que medida uma lágrima, um... Sabe, três lágrimas, feito “caldeirão da bruxa”? Duas asas de morcegos, três lágrimas, entende, meia perninha mecânica e duas criancinhas saudáveis mexido, isso aí...

L – Hum, hum.

A – ...não dá uma boa, não dá uma boa campanha. Eu não estou dizendo que tem que ser assim, eu estou dizendo que isto é matéria... de alta ebulição. Mas só para dizer, de qualquer forma, já que nós estamos vendo pólio ao longo do tempo, que sempre isso foi empregado em pólio. Num primeiro momento pelo lado da repercussão da doença; e num segundo momento, né, por esse lado afetivo, do envolvimento, da cidadania, assim por diante. Mas respondendo mais precisamente a tua pergunta, isso para mim já vem desde lá de traz da varíola.

L – Hum, hum.

A – Que aí são outros quinhentos mil réis e que é uma coisa muito mais complicada, até porque você tem... Um dos, um dos orixás é da varíola, não isso?

L – Hum, hum.

A – Ah..., se você me perguntar o nome agora, eu só sei...

L – Chica Lamaia

A - Chica Lamaia? Mas é na Índia, mas aqui não.

B - Aqui...

A - Aqui é o...

L - Aqui é o babulaiê? O das doenças

A - É o que está coberto de palhas...

B - Que está coberto de palhas, é.

L - É.

A - É o que está coberto de palhas, ele está coberto de palhas exatamente por causa da varíola, não é?

L - Ah! Isso eu não sabia.

A - É, a varíola, ele está coberto pela varíola. Então, quer dizer, todo envolvimento, quer dizer, no caso da varíola, quer dizer, aquilo que a gente estava conversando, não se coloca as questões de ordem no inconsciente, as questões da religiosidade, da religião, as questões da cultura.

L - É.

A - No caso da varíola isso foi muito utilizado, quer dizer, utilizado no sentido mesmo de uso, quer dizer, se trabalhou com esses conceitos também para toda uma mobilização a... de pessoas. No caso da pólio, não se dava isso, porque você não tem o estigma, né? Quer dizer, da pólio com..., com o pecado como você tem com a varíola.

L - É

A - Pecado ou..., ou seja, uma outra coisa, uma transgressão, não é? Sempre a gente fazendo uma tradução cristã disso, né? Católica, melhor dizendo, do que cristã. A... mas, quer dizer, não tem obrigatoriamente a relação com a transgressão, a polio, que a varíola tinha, né? Então, a varíola, ela, ela tem essa coisa de interessante, porque ela jogou nessas frentes todas, entende? Ela jogou na frente da cultura, ela jogou na frente do inconsciente, ela jogou na frente da religiosidade, jogou na frente da epidemia, como foi jogando todas essas áreas, ela não é menos importante no campo da saúde pública...

B - De jeito nenhum.

L - Hum, hum.

A - Se você quer a... quer dizer, aí, aí vai, certamente vai muito mais a ... do ponto da minha ignorância nisso. A... eu te diria que, com a pólio, nós temos uma forma bem estruturada de comunicação; aí você tem alguma coisa já bem, bem, bem estruturada, bem montada, não é? Para os dias nacionais ou para outros, outros eventos com a ..., com a poliomielite. Então, nesse, nesse ponto sim, eu acho que ela, pólio, é um marco no campo da comunicação em saúde. Enquanto estruturação, entende, de campanha...

B - De máquina...

A - Equipe que você toma mesmo uma, uma decisão, a... política forte, entende? De..., de ir nessa direção, e que é uma decisão interna. Porque no caso da varíola, claro que há uma decisão interna, condições internas para você entrar em relação à varíola, mas a varíola é muito mais determinada de fora, no caso do Brasil, não é? E o Brasil é um dos remanescentes do programa da varíola no..., no mundo, ao passo que na pólio, ele joga numa posição de liderança, até mesmo porque ele, a partir da experiência da varíola e com esse grupo que a gente já nominou anteriormente...

B - Isso.

L - Hum, hum.

A - ...Ele vai desenvolver as estratégias que vão dar sustentação a erradicação da pólio no mundo inteiro, né? E evidentemente no Brasil. Então, isso também nos dá, entende, um sentimento assim, de a... completamente adequado, entende, de ufanismo digamos, né? Que foi aqui que se desenvolveu, entende? A pesquisa que trabalhou sob a concentração, pelo menos para os países do terceiro mundo, né? Aqui se... passou a desenvolver, cada vez mais, programa de auto-suficiência em termos de produção para nós, né? No caso brasileiro, e a expectativa que se tinha é que isso pudesse atender também os países latino americanos, que acabou não acontecendo. A ... a ... e a parte do desenvolvimento das estratégias que não é menos importante, também..., que também foi, entende? Isso junto com um programa que avançou e que teve uma aceitação em campanhas já bem estabelecidas de comunicação com a população. E que a população estava esperando que acontecesse e que viesse nessa direção, não é? E porque sabiam, inclusive dos..., quer dizer, o número de casos eram muito elevado que a gente tinha, né? E a repercussões são também, né... nas pessoas atingidas são muito, são muito graves, né? Então, isso tem um impacto, quer dizer, completamente diferente quando você vai discutir o sarampo, não é? Que é uma outra epopéia que tem que apelar para outro tipo, né? Porque antigamente você botava as criancinhas todas juntas para tudo ter sarampo de uma vez só...

L – É.

A - ... e não encher o saco depois de uma, duas, três acontecendo. Igual a rubéola, né?

B – Igual a rubéola.

A – A mesma coisa fazia com a rubéola, né? É alguma coisa irrelevante e consistente...

B – (incompreensível)

L – Caxumba.

A – Caxumba foi assim, é. Está tudo de papeira, passa, vai embora e volta.

B – Vai e volta.

L – Papeira.

A – Mas nada, né? Mas, a... no caso não, no caso..., no caso da pólio; e aí veio, eu acho que ela tem, ela joga com uma outra questão, que ela a... na minha maneira de entender, claro, é óbvio, né? É elementar, assim como a varíola puxa a pólio, a pólio puxa o sarampo e puxa as demais; e a ampliação para as demais doenças que hoje fazem parte regulares do PNI, e aquelas outras que não são parte regulares mas também se recomenda e que as pessoas cada vez mais adotam, entende? Eu acho que está muito em cima da experiência muito bem sucedida com a poliomielite no Brasil.

M – Hum, hum.

A – Então, ela..., ela..., ela, se a varíola, entende, ela vem “ooou...” Aí dá aquela passada e cria as condições, mas quem planta...

B – Quem sedimenta isso...

A – É, quem sedimenta isso é a poliomielite.

B – Hum, hum.

A – E que dá condições depois de desenvolvimento... Claro, que cada uma que vem... aí o sarampo na medida que também reduz, vem a zero, entende? Ele reforça essa idéia da vacinação, da imunização e assim é, e assim sucessivamente as coisas vão acontecendo...

B – Então...

A – Mas a pólio, ela tem essa..., essa... marca própria, não é mesmo? Na minha percepção.

B - Sem dúvida. O Eduardo fez uma referência para gente de um... de pesquisas que iam acontecendo nessa área da comunicação e também das práticas e atitudes que ele chamou de CAP, conhecimentos, atitudes e práticas. Vocês viveram isso aqui na Escola? Pensando a questão da imunização, partir para esse tipo de estudo, ou isso foi uma coisa... Isso te lembra alguma coisa, você viveu essa...

A - Não, deixa eu dizer, não, essa eu já não vivi por uma razão, o estudo que nós... nós estamos falando, começa lá por 79, mais ou menos por aí, não é isso?

B - É.

A - Isso, isso vai..., quer dizer, em 79... ... 79 até aproximadamente, creio eu, 83, eu ainda acompanho, quer dizer, os três, quatro anos primeiros eu acompanhei eles. Depois, eu estou junto com o Ernani, e o Ernani era o diretor, já pela segunda vez, e aí eu fico com a vice-direção da Escola, estava..., ora o Luis Fernando, ora eu, o diretor, um vice do outro, e depois com, com o Ernani Braga eu..., eu fiquei de vice-diretor do Ernani até o Ernani falecer, aí eu fiquei na direção da Escola e depois eu vim para direção da Fundação, para a vice-presidência da...

B - Da Fundação.

A - Da Fundação, isso foi em 85, 86, alguma coisa assim desse tipo... Então, quer dizer, a minha passagem é muito mais, digamos assim, nesse momento de introdução do programa na Escola de Saúde Pública.

B - Pública, e da vivência das primeiras campanhas.

A - E nessa..., e nessa primeira arrancada, e nessa primeira arrancada do PAI...

B - Quer dizer, de 85 para frente quando você pega a secretaria da erradicação...

A - Eu já não..., aí não...

B - ... você acompanha enquanto a instituição que estar...

A - É, enquanto instituição, isso, mas, mas não diretamente...

B - Preocupado se Bio-Manguinhos tem...

A - Isso, e essa área era minha, dentro da presidência, então acompanhava Bio-Manguinhos, INCQS, e Far-Manguinhos, mas não importa; mas a parte de Bio- Manguinhos era minha. Então todas as negociações...

B - Você ficou com essa área de introdução e de... (incompreensível)

A - Também fiquei com essa área; tinha a prefeitura, tinha o campus, tinha Bio-Manguinhos, tinha Far-Manguinhos... Era uma, era uma loucura.

L - Nossa mãe.

A - E ainda a representação junto ao Ministério do Trabalho, quando a gente..., todas as campanhas salariais e a representação...

B - Ah, então, vamos lá um pouquinho de Bio-Manguinhos,

A - Bio-Manguinhos.

B - Me explica uma coisa, por que é que a gente não produziu? Você viveu essa discussão, vamos produzir a pólio? Vamos, vamos continuar comprando ou não vamos...

A - (risos)

B - Temos potencial para isso ou não.

L - Estamos loucas para ouvir, loucas.

A - Mas isso aí tem pessoas que podem dizer isso também...

B - É, não, mas a gente vai conversar com eles também, mas você, como gestão, né?

L - É.

B - Como é que você via que isso era recebido pela, pela comunidade?

A – Como é que é?

B – Você devia estar no “Boom” aí, da auto-suficiência ainda, né?

A – Tá, o “boom” da auto-suficiência...

B – Anos oitenta você está no “boom” da busca em auto-suficiência em...

A – Talvez, isso eu vivi mais, mais intensamente no final dos anos 80, né? Por que é... ..., foi mais no final dos anos 80. Deixa eu dizer o que é que é, quer dizer, a gente pegou, nós fizemos vários, vários seminários, várias, várias reuniões voltados para discutir a questão da auto-suficiência junto com o próprio ministério. Isso chegou a entrar no orçamento, isso entrou no orçamento, eu me lembro, a... mais de uma vez, inclusive, a totalidade dos recursos necessários para a auto-suficiência no Brasil. Acontece que nós tínhamos uma inflação na época, sei lá chegava a 40, 50, 60 por mês, era um “Deus nos acuda”, eu não sei mais quanto é que chegava o troço...

B – A gente já fazia o planejamento botando em função...

A – É, mas inviabilizava tudo, tornava tudo inviável, então você começava a tem todo o dinheiro necessário, quatro meses depois vocês...

L – Você já não tinha mais.

A – Você já não tinha mais nada, é.

L – Não tinha mais o dinheiro.

A – Então, eu lembro que é, por exemplo, a gente fazer o almoxarifado central de Bio-Manguinhos, que hoje ia dar (incompreensível), creio eu, que Bio-Manguinhos fez um outro, a gente chamava de hangar, do Boeing, aquele grandão lá embaixo. Sabe, aquilo foi assim, pegar todo o dinheiro que a gente tinha dentro da Fundação, mais “bababa...” para dar o mínimo de estrutura para Bio-Manguinhos poder funcionar. A construção do laboratório P3, não é? O desenvolvimento de reagentes, a... Coisas assim nesse estilo, sabe, e demais tentar manter, entende, embasar aquela produção, que era procedimento daqueles duques, né, de pólio, que vinham da..., da Bélgica para cá, que fazia, não é? Isso.

B – A diluição era feita aqui, né?

A – A diluição e o embasamento.

B – E o embasamento.

A – Então, eu creio que foi em 1989, foi em 89, eu fiz uma viagem com..., e foi junto comigo o Akira, todas essas coisas, essa minha articulação era do ponto de vista político, nunca no ponto de vista técnico, não é? Eu não era louco disso e nem recomendar alguém que tomasse uma vacina que eu tivesse alguma coisa a ver com ela. (risos). E o ..., o... e com o Akira nós, nós fizemos uma viagem que foi aos Estados Unidos para a OBE, depois fomos ao Canadá, Connaught, fomos para a Sclavo?, na... na Itália em Siena; fomos, em Lion com a Mérieux, e fomos a Bruxelas com a Smith-Kline. Então, nelas todas, nós fomos fazendo a viagem para ver, quer dizer, os contatos, para ver o que é que nós conseguimos organizar e estabelecer de acerto. Em relação a pólio, o grande produtor, que eu acho que falei para vocês, era Harry Smith-Klaine.

B – Hum, hum.

A – Que já nos fornecia naquela época, sei lá, 5, 6, 7 anos, hoje já deve ter 15 ou 20 anos que existe Kline, não é? E que tinha uma capacidade fantástica de produção; Smith-Kline tinha alguma coisa de um bilhão e não sei quantos milhões de dólares lá, tinha a capacidade de produção... Então, ela podia fazer qualquer coisa, né? Com o preço, inclusive, com o preço das vacinas. A idéia é que nós pudéssemos estabelecer uma associação com ela, na época ela estava produzindo, iniciando a produção, era quem tinha a produção da hepatite e... que tinha

feito um grande investimento, então, eles queriam vender o máximo possível para conseguir esse investimento. Foi nessa época e nessa viagem que junto com Akira nós conseguimos derrubar as três doses de hepatite de oitenta e tantos..., ela só existia no mercado privado, ela não existia no serviço público, não é? E você para conseguir num, num... num laboratório, você tinha que pagar 81, 83 dólares pelas, pelas doses. Era, era..., era uma porrada, não é? A gente conseguiu trazer para um dólar e doze, um dólar e quatorze a dose, né? Que foi uma conversa muito engraçada que nós estávamos com os diretores e aí falamos para eles que a gente queria fazer um programa nacional, programa nacional de imunizações e incorporar a hepatite também, e que era importante que a gente tivesse, portanto, a garantia, né, do fornecimento e mais, quer dizer, o número de doses que nós precisávamos era muito alto, não é? Que aí perguntaram: “qual é o valor que vocês, que vocês acham que seria viável para um programa?”. A gente não, não tinha muita estimativa, mas era uma coisa mais ou menos como uns cinco milhões, entende, isso, né? De doses que a gente ia precisar pelo menos na fase inicial. Aí em português eu conversando com Akira, e eles conversando com lá em francês deles ou valão, nem sei mais, e... e... aí disse: “ e aí Akira, o que é que você acha? Vamos jogar um... um real ou alguma coisa assim?” Aí ele disse: “Ah, joga aí e vamos ver o que acontece”. Aí a gente fez, quando eu dei o valor eles...

B – Aí você deu o valor de um dólar?

A - É, é, é. Aí eles levantaram e disseram: ” mas, mas dis...” aí começaram a conversar, aí voltou, aí o Akira disse assim: “não, mas as três doses, né?” (risos).

B – (risos)

L - (risos)

A – Aí me olharam com a cara mais espantada... (risos)

L – Mais ainda, né?

A – E continuaram a falar em valão, creio, porque a gente não entendia, francês não era. Aí, ao fim, ao caso, disse: “olha, três doses é impossível, mas uma dose talvez a gente possa conversar”. Aí ficou aquela coisa realmente ao redor de um... oitenta centavos de dólar, ou um real, não dá... não sei mais, um cruzeiro, ou o que fosse, cruzeiro novo e qualquer coisa assim, né, que deu para fazer. Mas por que, essa história é longa, só para dizer que a idéia era trazer também a produção da hepatite para cá e trazer a produção da pólio, da seguinte maneira, quer dizer, vocês pegaram o final: saí do embasamento, né? Ou então seja, recebe ela pronta e embasa; recebe ela em duque, dilui e embala, depois você recebe, e assim você vai até você chegar a semente e a todo o desenvolvimento do processo, isso sendo uma incorporação gradativa. Então, acabou que esse dinheiro pela inflação, nunca a gente teve ele disponível, ainda que orçamentariamente ele tenha estado sempre disponível, ele foi gasto e isso nunca conseguiu dar conta, porque a inflação comeu, toda essa história; de um lado, um, dois, a... Essas negociações, elas foram interrompidas depois em 1990, com a entrada do Collor, não é? A ... aí eu já estava fora dessa historiada toda, mas entrou novos atores nisso... e o programa de auto-suficiência ganha outra conotação também, mas antes disso, eu acho que uma das... um dos responsáveis por essa história é o bastante provincianismo nosso, por que é que não se chegou lá também? Bastante provincianismo nosso no sentido que cada um queria, entende, descobrir a roda de novo... E cada um era Bio-Manguinhos de um lado, Butantã do outro lado, a... e quando o TECPAR entrou depois, a coisa, então, entrou com terceiro...

B – Ainda dividiu por três...

A - Ainda dividiu por três, não é? Então, foi sempre muito difícil essa, essa união. Então, quer dizer, por que é que não pega tríplice, então trabalha com a tríplice, depois trabalha com a pólio... Sabe, como teoricamente isso está formulado no plano, né? No programa nacional de auto-suficiência em imunobiológico. Mas na prática isso acaba não acontecendo, isso não acontece. E você vai vendo que até hoje, né, os “bicudos” não se beijam e você continua com dificuldades muitas parecidas nisso aí. Então há um provincianismo muito grande, não é? Que creio que foi bastante... quer dizer, somado ao problema central da escassez de recursos, não levou lá muito para frente, de um lado.

B – E rola um apoio da OPAS e da OMS de que esses países consigam ter essa auto-suficiência, você sente, sentia isso nesse período que você estava?

A – Pois é, isso que eu ia dizer para vocês...

B – Tá.

A – Do outro lado, eu ia te dizer... porque eu fiz parte de um chamava-se CIREVA, Centro Regional de Vacinologia, ou depois mudou para Sistema, primeiro era com “c” depois virou com “s”.

B – Com “s”.

A - Sistema Regional de Vacinologia, cujas cabeças eram México e Brasil, que eram os países maiores produtores nas Américas, tirando os Estados Unidos, né? SIREVA, de... de vacinas. Então, a idéia é que nós pudéssemos desen..., quer dizer, melhorar as vacinas que já eram produzidas, no nosso caso especificamente, não só em relação a pólio, mas em relação à febre amarela, por exemplo, né?...

B – Febre amarela.

A – A... passando para vacinas de nova geração nas nossas, ainda com primeira ou segunda geração; quer dizer, dá uma melhorada, né, na... na... na tecnologia que a gente empregava, por isso esta, esta..., esse recorrido que a gente fez, né? Que Akira e eu fizemos em 89, ele era importante porque nós estávamos exatamente com os centros produtores de vacinas que hoje, inclusive, já não existe assim, mas eles já estão agrupados de acordo, nessa altura já é do Mérieux que já não é mais do Mérieux, que era com o Mérieux, Pasteur, que já não sei mas com quem está associado, Smith-Kline já está com Bickmun?, né? Hoje, assim como tinha sete grandes irmã do petróleo, você tinha também, pelo menos, sete grandes no campo das vacinas que já não são mais, né? A ..., mas, mas o nosso recorrido nessa época era exatamente buscar tecnologias em Cuba, né? Que a gente buscou junto com Cuba também, foi uma das mais difíceis negociações que nós já fizemos até hoje, a... a ... que era o mais capitalista de todos (risos)...

B – É mesmo, hein?

A – É, por uma razão simples, eles tinham feito uma inversão muito grande de recurso, 180 milhões de dólares aproximadamente, né? No Centro de Biotecnologia e eles precisam...

B – Precisavam ter retorno...

A – Precisam ter retorno disso. Então, com isso eles eram muito fechados a qualquer forma de negociação, tanto que no protocolo... quando eles tiveram aqui, já não sei mais em 88, 89, Brasil e Cuba, que foi... foi redigido aqui na Fundação, só as altas horas da noite na véspera da viagem deles de..., né? É que se conseguiu colocar um termo a... .. Nem sei se é transferência de tecnologia ou interesse... Acho que era transferência de tecnologia ou era uma coisa menos ainda do que isso, porque eles só queriam vender, vender, vender, eles estavam desesperados, eles precisavam... O comandante tinha dado ordens que: “onde é que estão nossas inversões,

voltem com elas agora” Mas eu só estava dizendo que a gente tentou com Cuba também. E aí a estratégia era simples, quer dizer, nós estamos do lado, quer dizer, nos fazemos parte da América Latina do lado de cá de uma cordilheira, só passar a Cordilheira a gente está lá. Qualquer um que e vá vender vacina para todos esses países de Latino América, vai gastar muito mais com transporte de vidros do que com vacina, que isso que acaba representado; e a capacidade de reprodução dos países é muito pequena desde a capacidade de embasamento como... Não tem essa tecnologia. Então, quem fizer essa associação conosco, entende, estaria diante não só do mercado brasileiro, que já é extremamente expressivo, mas dentro de um mercado latino americano, entende? Era uma forma de chegar aqui. O mercado africano já estava lá com a UNICEFs e OMS fazendo as... as doações para todos os países africanos.

B – É.

A – Mas no caso de países latino americanos, você tinha, inclusive, fundo rotatório da OPS, né? Que podia perfeitamente financiar isso aqui. Então, nós éramos... Brasília, em Brasília a Fundação Oswaldo Cruz, né? E Butantã em São Paulo, éramos, entende, pontos interessantes dessa situação. Então, o que eu estou dizendo para vocês, condições favoráveis para que isso tivesse deslançar, então, você tinha tecnologia, os contatos estavam feitos, havia disponibilidade disso, havia interesse porque sabiam os laboratórios, então, que outros é... é... A Smith-Kline era a única que tinha hepatite, mas em dois tempos ela produzia... ter também não adiantava, era uma... Sabe, era uma questão de tempo apenas para as outras entrarem na concorrência do mercado...

L – Hum, hum.

A - Nem se falava nada, nem se falava na época, nós, na Coréia, depois entraram mais tarde, não é? Mas esses eram, entende, os produtores das vacinas. Então, voltando aqui, a tua pergunta e a questão, a Organização Panamericana com a Organização Mundial, estimular, então, a criação do sistema, Sistema Regional de Vacinologia, que era para incrementar o desenvolvimento de vacinas nas Américas com dois pólos: Brasil e México.

B - Brasil e México.

A – Eu era o representante do Brasil, porque o pólo brasileiro era na Fundação Oswaldo Cruz e no México, junto com o Ministério da Saúde do México, né/ Mais tarde eu passei essa bola para o Akira quando a questão se tornou técnica, até então era uma questão eminentemente política. Então havia incentivos sim por esse outro lado, o que que não havia? Então não... não havia era uma continuidade regular de recursos, entende, para garantir isto; então você começava a comprar um equipamento, tinha que parar, dois anos depois quando você ia comprar o resto àquele já estava...

B – Obsoleto

A - ... já não encaixava um cano no outro e já era... entende? Então era um “deus nos acuda” nessa história, já o ..., as normas de segurança...

L – Já eram outras.

A – ...já eram outras, então, você tinha que botar abaixo a construção...

L – De biossegurança...

A - ... tinha que refazer, então, era um caos, quer dizer, jogava o dinheiro fora pelo ralo, um; dois, problema de pessoal, esse foi um problema sério...

L – De quê? Pessoal

A – Pessoal, pessoal. A... nessa época eu fiz uma viagem, nessa época, quer dizer, 1989, (incompreensível) 1989 a... o Ciro me pediu para fazer uma, uma viagem junto com Armani Sebaz, que era o representante do México nesse ano, para nós termos uma idéia do que é que

acontecia nos centros de produção de vacinas, entende, toda a América Latina. Então, nós fizemos... ele saiu do Norte e veio, e veio descendo a... - a mania de ver o mapa pregado na parede, né, e achar que nós estamos embaixo - , e veio vindo pelo sul, e eu do sul fui subindo... e nós nos encontramos, não sei onde é que nos encontramos...

B – No meio. No Peru, por aí...

A – no Peru. (risos)

L – É.

A – Se fosse falar no Casseta e Planeta, evidentemente... (risos)

L – É. (risos)

B – (risos)

A - ...sem dúvida, mas eu acho que foi pelo lado do Peru que a gente se encontrou. E... e o que era est arrecedor é que, se você somasse todos, todos, todos os países Latino Americanos que de alguma maneira trabalharam com vacinas, você tinha menos doutores, doutores, nem estou falando de especialistas, doutores fortemente especializados em produção de vacinas, porque também não tinha, né, mais doutores de alguma forma envolvido com vacina do que qualquer dos laboratórios que eu nomeiei anteriormente, menos Smith-Kline, Mériex, Connaught...

B – Isso contando... todos.

A – Todos. Se você juntasse toda...

L – Toda a América Latina.

A – Toda a América Latina você tinha menos capacidade.

B – Na sua viagem, você ia visitando os laboratórios

A – Nós fomos visitando todos eles.

B – Todos.

A – Nós fomos visitando todos eles, nós fomos encontrando as coisas mais fantásticas, aqueles filmes de terror assim do... do..., por exemplo, você deve ter visto biotério, chamado assim, o biotério embaixo de uma escada. Sabe, os animais de experimentação embaixo da escada. Tinha um, o Malbrant?, Buenos Aires, isso foi em Montevideú, o Malbrant? em Buenos Aires, é... que corresponderia a Fundação Oswaldo Cruz, o Butantã, né, na época, lá na Argentina, o Malbrant?, ele..., ele estava completamente entregue as baratas, totalmente entregue as baratas, ele, o... Nem era o biotério, mas era a aula de como é que se chama? A... quando você faz experiência nos animais, como é que se chama isso? A...

L – Cultura?

A – É...

L – Como se fosse...

A – É, é, mas aí...

L – Os animais usados por experimentos...

A – É, mas eles estavam, é... os animais usados em experimentos, bancos de diferentes doenças, vacinas...

L – Tudo junto?

A – ... que eles tinham testado, estavam todos juntos...

L – Ah...

A – ...porque eles só tinham um aparelho só, só tinham um aparelho de aquecimento.

L – Gente!

B – Nossa.

A – Então tinha um aparelho, tinha uma dessas resistênciaszinhas assim comum...

L – Hum, hum.

A – ... no meio de uma sala fria para “cachorro”, e aquelas gaiolinhas com coelhos, com ratos, e não sei das quantas ali tudo, tudo, tudo tremendo de frio.

L – Caramba.

A – Você pegava aquilo lá e ia tentar ver o pirogênio, pirogênio estava meio de cabeça baixa, entendeu? Quer dizer... (incompreensível). Então, a...

Fita 1 – Lado A

A – Quer dizer, o Malbrant?, então foi assim, então tinha Brasil, Chile...

L – Você estava falando do Chile, eu acho...

A – ... que tinha...

L – É

A – Malbrant?, Colômbia e... e... México, acho que eram esses aí, eu não sei se Venezuela teria alguma coisa, eu acho que não. Bom, não importa, mas o que eu queria dizer para vocês é que...

B – Caribe...

A – ...você tinha interesse, sim, das multinacionais, sabemos assim, isso em relação a hoje, né? E já eram na época, das grandes multinacionais de se associar com a Fundação. A Fundação tinha um interesse em participar do programa nacional de auto-suficiência, havia uma situação de não entendimento ou de não aproximação, pelo menos com São Paulo, que teria sido extremamente favorável se este entendimento um dia tivesse acontecido, né? Cada um ficou isolado, querendo descobrir o risco de a “pólvora e a roda”...

L – Descobrir.

A – ...sozinho, e a conti... A falta de continuidade de recursos fazendo com que você não conseguisse concluir as obras, cada vez que você avançava você tinha que refazer, não é? Aliado a falta de pessoal e a impossibilidade de contratação, não é? Quer dizer, você não tinha facilidade, o que seria uma coisa elementar, porque também no país, você não tinha como ainda tem engatinhando hoje, não é? Nós acabamos de fazer agora, né, um simpósio aqui dos quadros eletivos da Fundação, estavam entusiasmados com a última Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, não é? “Acordo e desenvolvimento de uma política nacional”, quer dizer, você não tinha também uma política nacional, entende, de desenvolvimento científico e tecnológico que incentivasse, entende? Uma política nacional de auto-suficiência imunobiológica, você tem que ter isso. Eu lembro de coisa assim que parecem, parecem piada mas não são, porque assim é que aconteceu nos outros países, foi assim que aconteceu em Cuba, por exemplo, como é que ela conse... como é que ela começou toda a parte de desenvolvimento no campo da biotecnologia. Eu lembro que tanto no Canadá quanto na Bélgica, a... os coordenadores daqueles programas, ou seja, as pessoas que tinham passado pelo desenvolvimento desde o iníciozinho, no caso, por exemplo, da hepatite... Eu lembro de um casal de senhor, é... Eu, eu..., hoje em dia é quase meu colega, mas ele é um pouquinho mais velho, ele já tem uns sessenta e cinco anos, uma coisa assim, ele é... nós acabamos uma reunião e ele começou a perguntar sobre Brasil e Rio de Janeiro. Como é que era o Rio de Janeiro, se era mesmo aquilo que ele já tinha lido, afinal de contas. “É aquilo...” “Mas é assim mesmo a temperatura?” Eu disse: “É, essa a temperatura”; “Mas o clima, e tal, tal, tal...” “É,

“mas por quê? Está interessado, quer ir lá, quer ir passar umas férias lá?” Ele disse: “não só passar umas férias, eu estaria interessado..., já estou, já estou em idade, quer dizer, já estou aposentado, estou aqui prestando serviço para eles como consultor, minha mulher também tem a mesma idade que eu a... sofre de problemas de reumatismo e... e o clima aqui, você imagina que não é dos melhores para quem sofre de reumatismo, que tem a idade que eu tenho, quer dizer, quem entrou na terceira idade, vamos dizer; então, se eu pudesse ter no Rio de Janeiro um salário razoável, suficiente para poder ter um carro, um apartamento em Copacabana...

L- (risos)

A – Quer dizer, tudo era Copacabana, dava uma idéia que todo mundo é de Copacabana, não é? A... eu vou trabalhar com vocês todo dia, porque também eu não quero ficar sem...

B – Parado.

A - ...Parar, e posso passar para vocês tudo que foi o que... “Você pega, por exemplo, pro... a produção de qualquer uma dessas vacinas, ela está escrita, o que não está escrita é o pulo do gato”.

L – Hum, hum.

A – Então, claro que não usou essa expressão: “mas eu posso passar para vocês, entende, como é que foi o desenvolvimento disso”. Então, eu estou contando uma história que pode passar a ser, sabe, um campo do anedotário, mas que não é. Quer dizer, naquele primeiro recorrente que nós fizemos, nós identificamos pessoas que já não tinham grandes contribuições para o centro onde estavam trabalhando, porque a contribuição dele já estava dada, aquilo já tinha sido, já estava transformado em processo, já estavam produzindo aquilo. Não vou dizer que eles fossem fazer pirataria, mas numa associação, que nós fizéssemos com um daqueles laboratórios, estariam dispostos a vir para cá.

L – Sim.

A – E o que nos faltava era exatamente esse tipo de *expectise*, que isso que a gente já tinha feito a pesquisa e disse que não existia na América latina, entende? Agora, como é que você contratava? Você não tinha condições de contratar, você não tinha meios legais de contratação dessas pessoas para colocar aqui dentro...

L – É.

A - ...dentro da Fundação. Então, eu estou dando o panorama para vocês, tentando ser o mais abrangente...

B – E no caso de Cuba, ela também buscou essas pessoas...

A – Não, isso é o que estou dizendo, Cuba fez isso.

B – Essas pesquisas estão lá...

L – É

A – Foi e pegou, inclusive, os cientistas americanos, levou para lá e lá eles desenvolveram uma série de tecnologias, sabiamente assim o fizeram, ao tempo que mandaram cubanos para fora para fazer os seus cursos, seus doutorados e pós-doutorados para votarem depois para os centros de biotecnologia. E aqui a gente não tinha condições...

B – Atados.

A - Amarrados.

L – Com certeza.

A – Você não podia fazer concurso, e se era concurso não podia ser estrangeiros, não podia ter mais de sessenta anos, “bulubulubulu...”, aquela chuva de impedimentos que você tinha.

B – Impedimentos.

A – Então, vocês é... é... Bom, mas nessa época ele me perguntou. Mas eu estou tentando dar uma idéia, entende, do que existia de condições favoráveis...

L – É muita...

A – ... ao mesmo tempo das condições desfavoráveis. Nós recebemos, nós negociamos e recebemos do Ministério da Saúde, é... Jacarepaguá, lá da Juliano Moreira, a sessão da Juliano Moreira, ela foi negociada porque ali é o pólo, não é? De produção de... de... de químicos e produtos farmacêuticos, não é? Então, a idéia é que Bio-Manguinhos e Far-Manguinhos estivessem lá, não estivessem aqui dentro.

B – Hum, hum.

A – Por várias e honrosas razões; primeiro, é porque está muito próxima à cidade, uma área extremamente poluída, não é? E, além disso, você ia produzir alguns problemas sérios de ordem trabalhista, inclusive, você ia ter funcionários, quer dizer... Bom, mas não importa, mas a idéia era colocar esse pólo de produção de medicamentos e de vacinas junto ao pólo de produção de medicamentos que existe aqui no Rio de Janeiro. Então, para isso nós conseguimos a sessão da Juliano Moreira de Jacarepaguá, lá seriam as duas..., começamos a trabalhar nas plantas, isso. Mas aí, isso, exatamente que eu estou dizendo para vocês, isso chega em 1990, aí não só entra um outro parceiro, que no caso vem com o Alcenir o Tecpar, aliás, por méritos, diga-se de passagem, não é...

B – Um desses médicos.

A - ...não é exclusivamente por imposição política, não é? Mas aí há uma revisão geral do Programa Nacional de Imunizações do qual eu já não participei mais, eu já não..., eu já não sei. Quer dizer, mas, quer dizer..., o que eu sei dessa fase anterior é mais ou menos isso que eu estou relatando para vocês, facilidades e entendimentos, entende?

B – Entendimentos.

A – Para gente poder ter chegado a um bom resultado.

B – Essa auto-suficiência, esse...

A - Essa auto suficiência que sempre se almejou.

B – Se almejou.

A – E que não era muito caro, não é? O nosso bordão era mais ou menos é desse: “se o Brasil deixasse de pagar um dia... - ou meio dia? Acho que um dia... - o juro da dívida externa, a gente resolvia o problema de auto-suficiência”. Era exatamente isso. Um dia que não pagasse a dívida externa era suficiente para gente ter a auto-suficiência no... Havia essa disponibilidade.

B – Essa disponibilidade.

A – Tentamos depois isso com a China também, mas aí no campo dos fitoterápicos, não é? Estou dizendo isso para vocês porque a gente abriu o máximo que pôde.

L – Hum, hum.

A – Entende? Essas possibilidades de... de convênios, Cuba, com China, França, Bélgica, Itália, Estados Unidos, Canadá, França, quem mais viesse a gente estava topando conversar

B – Estava abrindo.

A – É. Mas internamente as dificuldades (inaudível).

B – Possibilidades eram raras.

A – As..., as... é, essas dificuldades e esses, que eu chamaria de uma certa maneira de ciumeira, entende?

B – Agora, teve um incentivo, que a gente pode perceber, na questão da formação dos recursos humanos aqui, né? Talvez isso tenha ficado como uma questão e a partir dos anos noventa

you have technicians from INCQS, from Bio-Manguinhos going to take courses abroad, right? What I mean is, you have this concern...

A – Tem, tem, tem, tem, mais tarde tem, eu já não acompanhei mais.

B – Você já não acompanhou.

A - E já não acompanhei mais.

B – Anos noventa você está onde?

A – Agora...

B – Direto para a comunicação?

A – (risos)

B – Conte, conte, conte.

L – (risos)

A – Não, é... em 1990, entra o..., entra o Collor, nós caímos fora e... eu não sei onde é que eu fui... (risos)

B – Para a Escola você não voltou.

A – Não, para Escola eu não fui. Eu vim exatamente para cá, para essa..., fui transferido para aqui, tinha uma sala aqui; era um projeto de comunicação, já era um projeto de comunicação. Depois...

B – Que nesse momento já era ligado ai CICT, diretamente ou não?

A – Não, não, não, era mais ou menos independente, teoricamente ligado a Escola; mas eu dizia, a... de uma maneira, dizia o seguinte: “que nem tão próximo do castelo, nem tão afastado da Escola”. (risos) Então, essa casa ia ficar no meio...

B – No meio do caminho... (risos)

A – No meio do caminho. Aí, não... o que aconteceu é que desse limbo eu fui parar depois na ABRASCO.

L – Um...

A – Aí me chamaram, me convidaram, e eu assumi a presidência da ABRASCO de 92 até 94. Aí veio o Congresso de Porto Alegre, 92, depois, a... em 92, eu fui coordenador de planejamento e fui relator geral da IX Conferência Nacional de Saúde. Quer dizer...

B - E é ANPUH 92, 94 das Ciências Sociais em saúde também.

A – Ciências Sociais em saúde.

B – Foi a primeira vez que teve, né?

A – Foi.

B – O encontro em Curitiba e tal.

A – Não, é isso que eu estou dizendo, foi Curitiba, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife e deixamos preparado para a Bahia, o Congresso da Bahia e mais a IX Conferência Nacional de Saúde de Brasília, foi o que a gente fez na nossa, na nossa gestão. A... então, fiquei mais por aí, fiquei mais trabalhando por essa coisa, aí era um trabalho junto ao Conselho Nacional de Saúde, que eu era o representante do Conselho e pela ABRASCO, isso foi até 94. Aí em 94 o Paulo era o vice presidente aí e me chamou para gente retomar a idéia da questão da comunicação da saúde na Fundação.

B – Na Fundação.

A – E aí, então, 12 de dezembro de 1994, nós dois, Paulo Buss e eu, estreamos como apresentadores do Canal Saúde.

B – Do Canal Saúde.

A – Quando o Canal Saúde que estreou que é onde eu estou até hoje, mais ou menos foi isso.

L – Novembro de 94?

A – 12 de dezembro.

B – Dezembro.

A – 12 de dezembro, 12 do 12 de 94, foi por aí.

L – Então, vai, vai fazer aniversário, daqui a pouco.

B – Vai fazer aniversário. Pois é, devia ter marcado a entrevista (incompreensível).

A – Faz sete anos, faz sete anos.

B – Vai fazer sete anos.

A – Fazemos sete anos agora.

B – E aí, tanto do Paulo, sem sombra de dúvida porque era um interesse, era uma marca naquela, naquela gestão, ele estava preocupado com isso como vice-presidente, né? Era uma questão que estava para ele e, você sente que é uma questão que virou da Fiocruz, né? Ou teve gestões que você teve menos apoio, ou sempre foi um carro chefe, né?

A – Não, foi, foi, foi, foi, porque vem de antes disso, não é? A... isso vem de antes, quer dizer, o que a gente fez logo de início foi o seguinte, foi recuperar o que Oswaldo Cruz tinha feito com as memórias do Instituto Oswaldo Cruz, né? Desde o início de século, ele já tinha aquele negócio. Oswaldo Cruz tinha um fotógrafo, o J Pinto, que andava a tiracolo dele; onde ele andava, o cara estava à tiracolo dele (incompreensível)

B – É.

A – E outros que tais ao longo do tempo, né? A... ele chegava a ter 20% do orçamento, eu lembro de ler nos alfarrábios dele, 20% do orçamento do Instituto... a... eram dedicados a compra de livros, não é? Quer dizer, não era..., não desgostava de ler ou de produzir, não é? E ele exigia, ele tinha uma produção muito grande não é? Então, essa é uma história que nos incentivou muito e esse programa que eu fiz referência lá... acho que na primeira fita, no primeiro lado ainda, do Programa de Educação Continuada da Escola que...

B – Sei.

A – o PEC, a primeira produção deles foi com o PAI, não é? Ele... o primeiro pecado do PEC foi (risos) (incompreensível), mas foi o que fez, fez todo o material dele, a... Quando a gente estava lá, nós começamos a introduzir um outro padrão dentro da... da dentro da Fundação; para vocês terem idéia, os congressos e eventos dentro da Fundação, o material todo era mimeografado, aqueles mimeógrafos a álcool ou então a tinta, sabe aquelas borrações...

L – Tinta roxa.

A – Aquelas roxas eram horríveis, não é? E o PEC foi o prime... foi a primeira introdução de qualidade aqui, isso foi em mil novecentos... Isso foi mais ou menos oitenta, né? 79, 80, 81 por aí. Foi um recurso da Keulic? que nos passou, que deu PEC e deu para sustentar a ABRASCO também. Bom, mas são outras duas histórias, mas é só para dizer para vocês que a gente introduziu um padrão de qualidade diferente. Então, quando nós fomos para a presidência em 85, 86, lembro de ter levado para presidência também essa questão, quer dizer, não dava mais para gente abrir, entende, um simpósio, seminário, “tatatata...”, com aquelas coisas todas... Então a gente foi organizando isso. Então, do ponto de vista gráfico, a gente começou pensando o seguinte, vamos chegar pelo menos a uma qualidade de 1500, que é quando, né, a prensa aconteceu pela primeira vez. Então, nós estamos com quatro séculos de defasagem...

B – (risos)

A - Mas juro que a gente chega a 1500, né? Quer dizer, vamos sair do pergaminho, praticamente, né? Que era xerox e vamos chegar agora a imprensa. Vamos ao Gutenberg, chegamos ao Gutenberg. Quando a gente mais ou menos organizou isso e tinha alguma cara um pouquinho melhor de padrão, a gente começou a pensar: “Está na hora de nós investirmos

em outras tecnologias”, não é? E uma coisa que nos encantava, que aliás, me encanta hoje, que é uma caixa preta até hoje, que são cilindros de cera onde Oswaldo Cruz fazia as gravações dele; ele tinha gravador, os gravadores eram cilin... eram cilindros de cera de abelha, né? A ... e ali você gravava, o que era a forma mais fácil, entende, de você fazer, é porque é por sulco.

L – Ah...

A – Estão aí, nunca ninguém conseguiu... ouvir, mais um dia ainda a gente chega lá. Mas por que, por que eu estou contando essa historia, porque ele era um adepto, entende, das novas tecnologias: tem, existe gravador, bota o gravador; tem elevador - o elevador mais antigo do Rio de Janeiro é esse que está aí no Castelo -, bota elevador; tem sistema de geração, bota o sistema de geração, entende? Ele era, ele era do “balaco baco”, nesse negócio, quer dizer, gás encanado, bota gás encanado, né? Então ele não era, sabe, “Zé Mané”, de fazer sinais de fumaça, não. O que tinha de modernidade, então, a gente fez assim, vamos ver o que que ele fez e vamos atrás, é só a gente seguir atrás dele. Então, resolvemos partir para trabalhar em cima de uma política de comunicação na instituição, e a partir disso, bom, vamos chegar então lá no Gutenberg em 1500, 1600, quem sabe a gente chega agora como Oswaldo Cruz já chegou no início do século (incompreensível) com a fotografia. Chegamos na fotografia, por que é que a gente não avança um pouquinho mais, a gente teria ido para o cinema, etc., etc. Aí lembrei que a Fundação SESC tinha produção em 1940, certamente na área educativa, educacional...

B – E muitos vídeos educativos, né?

A – Muitos filmes daquela época.

B – Você conseguiu achar esse acervo?

A – A gente achou, parte dele tá, 16 milímetros, né. A ... vídeos educacionais, o “diabo a quatro”, em cima daquele modelo canadense etc., etc. Bom, aí, então, vamos chegar: “o que é que tem? Vídeo.” “Vamos lá nessa direção”. Então, a gente criou núcleos de vídeos, né? Ao mesmo tempo a gente tinha tido a experiência em 1986, extremamente favorável do *RADIS*, né? Que era, que era anterior, mas que tinha sido criado lá também na Escola de Saúde Pública, uma vez na minha sala, lá no meu departamento, Sérgio Góes, que era o mentor, o “cabeça” desse negócio. E aí também, essa história, um dia a gente conta, mas não é hoje como a Escola de Saúde Pública e, particularmente, o departamento de Ciências Sociais diz que não sabia o que tinha que fazer com comunicação. Tanto quanto o dia que eu fui apresentar para eles o programa do Canal Saúde e eles dissera: “mas Ciências Sociais não tem nada muito a ver com saúde, papapa...” Bom, mas não importa, isso era só para dizer que as resistências também, as inovações...

B – As inovações.

A - ...tem que acontecer no...

L – Sempre, né?

A -... no tempo certo, né? Bem, então, a história a... a ... resolvemos chegar e criamos o núcleo de vídeo; então, foi feita a primeira mostra de vídeo, se captou vídeos, etc., então foi-se montando um acervo, até que um belo dia: “não sei se isso é bom, nós temos um acervo de vídeos, o que nós precisamos? Nós precisamos de uma coisa para botar para fora isso aí, né?” Então, numa feliz associação com a EMBRATEL, então estatal, com Renato Ach?, como presidente e Aloísio Teixeira como chefe de gabinete deles; o Aloísio que era o mentor dessas histórias todas. O Aloísio Teixeira é o reitor da Universidade que foi, que foi preterido pelo atual reitor da UFRJ.

B – Hum, hum.

A – Né? O Aloisinho que ganhou todas as categorias de cima a baixo com maioria de 50% em todas elas e o Ministro da Saúde escolheu o que está aí.

B – Foi...

A – Foi uma decisão, não foi... Como os bons resultados que ambos escolheram, mas de qualquer maneira, quer dizer, então, nessa época nós entramos, digamos, com conteúdo e com os vídeos que a gente tinha, e eles entraram com o espaço na EMBRATEL, e aí nós fizemos, então, o canal, colocamos o canal para funcionar. Então, eu estou dizendo isso para dizer para vocês que era uma coisa que, sabe, era uma política que já existia.

B – Que já existia.

A - A casa de Oswaldo Cruz já vinha também montando. Então, nós fomos aos poucos montando não só os instrumentos, entende, como consolidando essa política. Depois Paulo criou a editora, também, né? Então, você vai entrando assim, então, qual é, qual era a idéia na política? Nós estamos falando com os pares, os pesquisadores estão falando com seus pares através do..., do..., das memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Os sanitaristas estavam falando com seus pares através da saúde pública da Escola, que criação da minha época, exatamente do Guilherme Lurenberg?, a... veio de lá. Então, a gente precisa falar com o público em geral, mas antes disso, vamos falar também com os trabalhadores do serviço de saúde. Então, o RADIS vem com essa finalidade, né? Depois a memória tem um campo específico da memória e quando o vídeo vira um campo já da população em geral e o Canal Saúde, então é aberto, aí depois com um público diferenciado de acordo com a... a veiculação que vai, que vai acontecendo ao longo desse tempo, não é? Então, é só para dar uma idéia para você. Então, a ... hoje, a questão da comunicação, ela está muito consolidada, né? Quer dizer, dentro da Instituição. A... e as, e as administrações foram entendendo isso, e o Paulo, é muito disso, não é? Então, o Paulo em 94 me chamou para isso as... (incompreensível), depois ele chamou o Joãozinho para fazer a editora... foi com esforço etc, etc. Agora estamos com projetos de ampliações, né? Na questão da educação continuada a distância, né? O pessoal está fazendo, “taratatata”, escola de governo, ele está sempre com idéias nesse campo. Então, é um setor que eu acho que é interessante e eu... E aí, ele me deu durante a administração dele, quando era vice-presidente, ele me deu condições de trabalho, a mim para poder organizar a equipe...

B – É ter recursos para equipe...

A – É.

B – ... e recursos para estrutura, né?

A – Depois com Elói isso funcionou; O Elói foi, foi muito legal, até do ponto de vista pessoal, sempre eu digo que a gente teve o Elói, a Ana, a chefe de gabinete, a Silvina, a... foram pessoas que sempre estiveram muito atentas ao que a gente estava fazendo e sempre deram o maior apoio para entender com isso, mesmo que não... o que é... Volta e meia tem dessas coisas de ciúmes de administração, “Ah! Isso é da outra administração, então...”

B – É

A – Ainda mais que o Paulo tinha sido concorrente com Elói. Não, isso o Elói foi... Olha, aliás, não só nisso, acho que... pode não ter tido a garra que alguns esperavam, quer dizer, não... Importa, né? Mas do ponto de vista assim, de lealdade aos projetos da Instituição, ao que me consta pelo menos, ele teve e particularmente em relação ao canal e teve muito, e eu sempre digo isso para ele, e sempre digo isso para todos, acho que ele foi exemplar nessa... nessa matéria, não é? Isso hoje, hoje está muito consolidado, mas na época do Elói, a... duas vezes o CD da Fundação me chamou para fazer uma avaliação do canal e numa das vezes eu

fiz como proposta para eles isso: “imagine se nesse momento a Fundação Oswaldo Cruz, então, resolvesse cortar o seu projeto de comunicação, o que é que aconteceria? Né? Se nós cortássemos as memórias de Oswaldo Cruz, os Cadernos de Saúde Pública, se nós cortássemos a rádio, o Canal Saúde, se nós cortássemos as memórias da Casa de Oswaldo Cruz, sabe? E aí eu fui listando, se nós pegássemos o CICT e fossemos cortando e fossemos tirando essa... Qual o tipo de impacto que isso teria na nossa área, não é? Quer dizer, na área, na área da saúde e que tempo se levaria, entende, e aonde é que se teria condições de restabelecer o projeto...

B – Restabelecer esse contato.

A -... Comunicacional como esse que a Fundação...

L – Tem hoje, né?

A -...tem hoje.

L – Sedimentada, já.

A – É, sedimentados. Aí foi aquele silêncio e aprovado por unanimidade que o canal devia continuar... (incompreensível)

B – Continuar.

B – Muito do canal é parte, né?

A – É parte disso.

B -... Dessa coisa maior.

A – Então, então, ele vem como consequência disso, ele vem como consequência de um processo interno de consolidação de uma política comunicacional e como consequência de uma demanda externa, né? Porque desde a oitava conferência, e antes já, na oitava está lá escrito; oitava, nona, décima, décima primeira, o fortalecimento das ações de educação, informação e comunicação como instrumentos de consolidação do Sistema Único de Saúde no Brasil, né? A... Instrumentos estratégicos, não é? Só... Instrumentos estratégicos, Instrumentos estratégicos para consolidação do Sul do Brasil. Então, essa era uma demanda externa. Agora na décima primeira conferência, por exemplo, há uma moção aprovada, são 34, não esquecerei o número, que a moção que pede, diz isso, entende, que sejam tomadas as medidas de forma que o Canal Saúde possa ampliar ainda mais o seu campo de abrangência. Porque tem, falando o tipo de repercussão que essa, que essa história tem, já que estamos falando em pólios e PAI, quer dizer, que é o que a gente diz, determinado conjunto de ações e no caso de enfermidades, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e outras tantas, né? Ver como a informação é tão relevante quanto as vacinas, as imunopreveníveis, não é?

L – É

A – É uma outra forma de vacinação.

L – Hum, hum.

A – Tanto quanto é importante também e relevante fazer imunopreveníveis, mas não é um instrumento (incompreensível) ... como é, por exemplo, a DST e no caso, especificamente AIDS...

B – É doenças sexualmente transmissíveis.

A – Então..., de uma certa maneira eu cobri, quer dizer, eu continuo trabalhando na mesma área, quer dizer, nas vacinas.

B – Contra a violência, contra a desnutrição, né? Quer dizer...

A - Contra a violência, contra a desnutrição, tem isso tudo.

B – Violência, tem um, vocês tem um impacto grande. E esse pulo, essa demanda, quer dizer, essa troca vai desde centro de saúde a escola, passa por associação de bairros, quer dizer, quem é a clientela que pede os vídeos...

A – Tudo, tudo, tudo...

B – É isso?

A – Quem assiste e quem pede os vídeos, não é? Porque a... nós vamos hoje para 29 países.

L – Puxa!

A - A... da América Latina, Caribe, Espanha, Portugal, no Brasil a gente vai para TV aberto, TV satélite, fechada, parabólica, quer dizer, aberto, convencional, a... vai para TV a cabo, TV universitárias, TV comunitárias, TV fechadas, serviço nacional de transporte, da confederação nacional de transporte, em 1800 postos de recepção, a gente manda para eles. Vai para Amazon site também pega o Brasil inteiro, né? Então, a ... tem dias que nós estamos em trezentas e tantas emissoras de televisão nos horários mais, mais, digamos... A gente nem tem controle disso...

B – Tem controle.

A – Não consegue ter controle disso. Estamos indo em direção a buscar ter o controle disso. Quem pede, quem usa, o interessante é que a maioria das pessoas, a... porque não é para entretenimento, não é? A gente busca, evidentemente, você não pode fazer nenhuma forma de televisão sem entretenimento, sem qualidade, sem imagem, sem dinâmica, né? Não há “saco” que agüente. Mas a maioria usa para formação de opinião, né? Ou então, para o trabalho; e os que gravam, que é um percentual expressivo, gravam exatamente para cursos, para palestras, para reuniões e aí vai adiante: associações, sindicatos, professores que Canal Saúde é matéria, faz parte de uma disciplina de medicina preventiva, “tanana...”

B – Como para o segundo grau?

A – Como daria um...

B – Né? De biologia, vai dar aula de biologia...

A - Usam e abusam.

B - Usam e abusam.

A - Usam e abusam do Canal Saúde.

B – Do Canal Saúde nesse sentido.

A– Então, no Rio de Janeiro são 250 mil pessoas que assistem Sexta-feira, isso é, isso é a audiência do Jô Soares, um pouco mais do que a Marília Gabriela, mais ou menos é isso aí...

B – É, um barato, né? Nossa senhora...

L – Que legal!

B – Eu estou super triste ter que fechar, mas...

A – (risos)

B – Mas vamos respeitar, né? Tempo, tema, mas aprendi muito...

A – (risos)

B – Foi um vôo, adorei. E eu acho que a gente pode assim, concordar com você que sem dúvida o teu papel assim, a gente começou falando de você como educador, né?

A – É.

B – Você dando aula na Escola e tal, e eu acho que o Canal Saúde é um grande educador.

L– É, com certeza.

B – No sentido positivo do educador sem pensar, né, no estereótipo que a educação, né?

A – Mais eu ainda tenho.

B - E consciência em cidadania, né? Eu acho que a sua trajetória assim, passa para gente muito esse... essa preocupação, né, em dar o...

A - E o fato de falar muito também, na cara do professor (risos).

L - (risos)

B - (risos) (incompreensível)

A - E que, e que não consegue dizer uma frase sem ter que explicar a frase...

L - Ah! Mas foi ótimo, Arlindo, ótimo.

B - É ótimo, nossa!

L - Explicar...

B - Eu queria agradecer e dizer que a Casa está a sua disposição e assim que...

L - Se tem alguma coisa que a gente, por ventura, não tenha...

B - É. Deixou porque...

A - Não vocês é que sabem.

B - Tinha esse papel da gente querer pegar a pólio, mas a gente queria pegar essa tua vivência, essa tua trajetória, então, a gente deixou muita coisa sem dúvida, imagina falar dos Cadernos de Saúde Pública seria um...

A - (risos)

B - Mas a gente teve que afunilar, mas a gente deixou alguma coisa assim muito gritante tanto do PAI, como da tua vida no canal...

A - Não, não, eu acho que não.

B - Eu acho que tem chance da gente se reencontrar ou se aproveitar, né.

A - Minha vida pregressa, mas essa não tem grande interesse. (risos)

LM - (risos)

B - Receba nosso agradecimento.

L - Obrigada, Arlindo.

A - Tá legal, ué.